



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANA PAULA SILVA NASCIMENTO PASQUALINO

DESINFORMAÇÃO E *FAKE NEWS*:
ESTUDO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO

Londrina
2020

ANA PAULA SILVA NASCIMENTO PASQUALINO

DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS:
ESTUDO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Elisabeth da Silva

Londrina
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

P289 Pasqualino, Ana Paula Silva Nascimento.
Desinformação e fake news : estudo da produção científica na Ciência da Informação / Ana Paula Silva Nascimento Pasqualino. - Londrina, 2020.
94 f. : il.

Orientador: Terezinha Elisabeth da Silva .
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2020.
Inclui bibliografia.

1. Desinformação. 2. Fake News. 3. Produção científica da Ciência da Informação. - Tese. I. da Silva , Terezinha Elisabeth . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDU 02

ANA PAULA SILVA NASCIMENTO PASQUALINO

DESINFORMAÇÃO E *FAKE NEWS*:
ESTUDO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Terezinha Elisabeth da Silva
Universidade Estadual de Londrina -
PPGCI/UEL

Profa. Dra. Adriana Rosecler Alcará
Universidade Estadual de Londrina -
PPGCI/UEL

Profa. Dra. Marta Kerr Pinheiro
Universidade FUMEC

Londrina, 03 de fevereiro de 2020.

Dedico este trabalho à minha família e aos meus pais, com imensa gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por sua imensa misericórdia, que nos renova a cada dia.

Agradeço especialmente também ao meu marido, Alisson Henrique Pasqualino, por todo apoio, suporte e compreensão (e ajuda nas tabelas de Excel) e à minha filha, Amanda Nascimento Pasqualino, por toda paciência e torcida (“desde o dia em que eu nasci”). Gratidão profunda também pela minha mãe por todo amor e aprendizado de vida e pelo meu pai (com certeza do céu sempre esteve torcendo por mim também). Agradecimentos também a todos os familiares e amigos que estiveram presentes, colaborando de diversas formas para que este projeto se tornasse realidade.

Agradeço também de forma especial à minha orientadora, a professora Terezinha Elisabeth da Silva, por todo seu conhecimento e paciência em compartilhá-lo; e às professoras que compuseram a banca examinadora deste trabalho com contribuições tão pertinentes: a professora Adriana Rosecler Alcará (gratidão também pela oportunidade de participar do seu projeto de pesquisa e do estágio de docência) e a professora convidada Marta Kerr Pinheiro. Agradeço ainda a disponibilidade das professoras suplentes Brígida Maria Nogueira Cervantes e Renata Lira Furtado.

Agradecimentos também por toda equipe do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UEL) – exemplo concreto de ensino público de qualidade - e pelos amigos que fizeram parte desta caminhada acadêmica árdua, mas também fascinante.

A Verdade

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil da meia verdade.

E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os dois meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram a um lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em duas metades,
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
As duas eram totalmente belas.
Mas carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Carlos Drummond de Andrade (Poesia completa)

Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou
exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no
mínimo que fazes. Assim em cada lago a lua toda
brilha, porque alta vive.

Fernando Pessoa (Odes de Ricardo Reis)

PASQUALINO, Ana Paula Silva Nascimento. **Desinformação e fake news**: estudo da produção científica na Ciência da Informação. 2020. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

RESUMO

Apresenta o mapeamento da produção científica na área de Ciência da Informação voltada à temática de desinformação e *fake news* em publicações indexadas na base de dados BRAPCI, no período de 2000 a 2019. Além de mapear tal produção científica, tem como objetivos específicos identificar e avaliar as vertentes teóricas que caracterizam a abordagem da temática nos artigos científicos que fazem parte do escopo da pesquisa; verificar a abrangência do tema na área da Ciência de Informação e contribuir para uma percepção mais aprofundada do tema, bastante emergente na atualidade e com novas vertentes no contexto da contemporaneidade da sociedade informacional. Configura-se em uma pesquisa exploratória e descritiva que utiliza como estratégias de análise a Bibliometria e a Análise de Conteúdo, dentro da proposta de realizar um estudo de abordagem quali-quantitativa, que possa contribuir também para o aprofundamento epistemológico deste tema de pesquisa na área científica e a elucidação de formas de enfrentamento desta prática considerada um problema informacional e comunicacional. Como parte dos resultados, foram constatados 49 artigos indexados, com variadas vertentes e crescimento gradativo da quantidade de publicações, o que confirma o aumento de interesse da CI pela temática emergente. Reforça-se a importância da CI, da competência informacional e da ética da informação para o enfrentamento da desinformação.

Palavras-chave: Desinformação. *Fake news*. Produção científica da Ciência da Informação.

PASQUALINO, Ana Paula Silva Nascimento. **Disinformation and fake news**: study of scientific production in Information Science. 2020. 93 p. Dissertation (Master's degree in Information Science) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

ABSTRACT

It presents the mapping of the scientific production in the area of Information Science focused on the theme of disinformation and fake news in publications indexed in the BRAPCI database, from 2000 to 2019. In addition to mapping such scientific production, some of the specific objectives are identify and evaluate the theoretical aspects that characterize the approach of the subject in the scientific articles that are part of the scope of the research; to verify the comprehensiveness of the topic in the area of Information Science and contribute to a deeper understanding of the theme, which is nowadays very emerging and with new strands in the context of the contemporary society of information. It is based on an exploratory and descriptive research that uses as a strategy of analysis the Bibliometrics and the Content Analysis, within the proposal to carry out the study of qualitative-quantitative approach, which can also contribute to the epistemological deepening of this research topic in the scientific area and the elucidation of ways of coping with this practice considered an informational and communicational problem. As part of the results, 49 indexed articles were found, with varied aspects and a gradual growth of the quantity of publications, which confirms the increased interest of Information Science for the emerging theme. Reinforce the importance of Information Science, information literacy and information ethics to face disinformation.

Keywords: Disinformation. Fake News. Information Science scientific production.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	<i>Framework</i> sobre Desordem Informacional	32
Figura 2	Mapa conceitual sobre desinformação	35
Figura 3	Infográfico sobre identificação de notícias falsas	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Ranking de publicações/ano	56
Gráfico 2	Distribuição geográfica de autores/publicações	58
Gráfico 3	Distribuição autoria/regiões.....	58

LISTA DE SIGLAS

ACRL	<i>Association of College and Research Libraries</i>
AD	Análise do Discurso
ALA	<i>American Library Association</i>
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CI	Ciência da Informação
CU	<i>Comenius University</i>
HdM	<i>Stuttgart Media University</i>
Ibict	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
IFPB	Instituto Federal da Paraíba
ILG	Instituto Luiz Gama
MIT	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
RBBB	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
SME	Secretaria Municipal de Educação
STU	<i>Slovak University of Technology</i>
UACJ	<i>Universidad Autónoma de Ciudad Juárez</i>
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
Ufal	Universidade Federal de Alagoas
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNAM	<i>Universidad Autónoma de México</i>
UnB	Universidade de Brasília
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unicap	Universidade Católica de Pernambuco
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USJT	Universidade São Judas Tadeu
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PERCURSO TEÓRICO	23
2.1	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: BREVE HISTÓRICO AOS DIAS ATUAIS.....	23
2.2	DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS	26
2.3	ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO FENÔMENO FAKE NEWS	37
2.3.1	Fact-Checking: Os Limites Das Agências De Checagem.....	37
2.3.2	Competência Em Informação: Mudança De Paradigmas	41
3	PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	50
3.1	DAS CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	50
3.2	ESTRATÉGIAS E CORPUS DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E BIBLIOMÉTRICA	50
3.3	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	51
3.4	ESTRATÉGIAS E TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS	52
3.4.1	Bibliometria.....	53
3.4.2	Análise De Conteúdo.....	54
3.5	APRESENTAÇÃO DE DADOS	55
4	PANORAMA DA DESINFORMAÇÃO: RESULTADOS E DISCUSSÕES	56
4.1	ASPECTOS QUANTITATIVOS	56
4.2	ASPECTOS QUALITATIVOS.....	59
4.2.1	Desinformação E Fake News: Distinção Conceitual.....	60
4.2.2	Definindo Desinformação	60
4.2.3	Definindo Fake News.....	64
4.2.4	Estratégias De Enfrentamento Sugeridas.....	66
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS	75
	APÊNDICE	83

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e insere-se na Linha de Pesquisa “Compartilhamento da Informação e do Conhecimento”. O interesse de pesquisa está relacionado à produção científica na área da Ciência da Informação (CI) que envolve a temática de desinformação e *fake news*, na Base de Dados Referenciais de Artigos Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) no período de 2000 a 2019. O trabalho tem como foco a epistemologia e o estado da arte do conceito de desinformação, assim como seus novos vieses.

Neste estudo, tem-se como referência a concepção de epistemologia apontada por Japiassú (1992, p. 16): “por epistemologia [...] podemos considerar o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais”. Desta forma, acreditamos contribuir para a reflexão sobre a teoria e a prática no âmbito da CI e a consolidação do domínio científico da área.

No âmbito das pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” (ou “estado do conhecimento”), consideramos importante ressaltar a definição utilizada por Ferreira (2002):

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (FERREIRA, 2002, p. 257).

Quanto ao tema da pesquisa, optou-se por realizar pesquisa aprofundada sobre a temática de desinformação abarcando o fenômeno *fake news*. Buscou-se documentar o panorama científico da desinformação para a CI, ou seja, apresentar a inserção deste conceito na área, bem como sua aderência e solidificação a partir de diferentes investigações, que são descritas ao longo deste estudo.

De acordo com Shultz e Godson (1984, p. 186), “até a década de 50, o termo *dezinformatsia* foi usado em alguns círculos soviéticos para se referir àquilo que alguns líderes soviéticos atualmente denominam ‘medidas ativas’”, expressão de origem russa que descreve algumas técnicas diretas e dissimuladas de promover desinformação, influenciando eventos e comportamentos em países estrangeiros e as atividades destes países.

Conforme Pacepa e Rychlak (2015) é errôneo pensar que a desinformação é um fenômeno obsoleto da Guerra Fria. Segundo os autores, contudo, até 1986 a palavra desinformação não era listada entre as 300 mil entradas do *Webster’s New World Thesaurus* ou nos 27 volumes da *New Encyclopedia Britannica*. E seria ledo engano acreditar que a palavra é apenas um sinônimo estrangeiro para má informação. Pacepa e Rychlak (2015) também discorrem sobre a intenção do governo russo, sob a liderança de Stálin, fazer com que a desinformação parecesse algo de origem histórica francesa, como uma ferramenta capitalista francesa voltada contra “os pacifistas do bloco soviético”. Citam, ainda, que o dicionário francês oficial, o Larousse, não menciona a palavra desinformação em 1952 e, tampouco em sua edição de 1978.

No caso de *fake news*, popularmente, no Brasil, tem-se utilizado o termo como sinônimo de “notícias falsas”, mas é válido salientar que na língua inglesa, originária do termo, “*news*” significa “notícia”, termo no singular de uso invariável. Neste estudo, procurou-se utilizar o termo desta forma, respeitando a regra gramatical original.

Alcott e Gentzkow (2017) apontam que o conceito de *fake news* teria surgido em 1835 por ocasião da publicação de uma série de artigos do jornal *New York Sun* sobre a descoberta de vida na Lua. Já o dicionário on-line *Merriam-Webster* informa que a origem do termo ‘*fake*’ seria datada de 1775, tendo sido supostamente usado pelo general britânico Richard Howe, em um despacho de Boston para a Secretaria de Estado, realizado em 3 de dezembro de 1775 (MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY, 2019). Ainda de acordo com o dicionário, o termo não teria sido usado como adjetivo antes de 1880.

Na atualidade, Träsel (2018, p. 71), aponta que

O termo *fake news* foi usado pela primeira vez em outubro de 2014, pelo jornalista Craig Silverman, quando este se defrontou com o relato inverídico que uma cidade inteira no Texas estaria em quarentena depois de uma família contrair ebola. A expressão, no entanto, começou a ser desvirtuada por Donald Trump nas eleições estadunidenses de 2016, quando seus apoiadores passaram a classificar como notícias falsas qualquer informação, verdadeira ou não, que os desagradasse. A ressignificação do termo obteve sucesso, a ponto de o próprio Silverman (2018) recomendar seu abandono.

É válido destacar que o termo *fake news*, conforme entendido no contexto atual, ainda não foi incluído em muitos dicionários, entre as exceções estão os dicionários *Cambridge* e *Collins*, em sua versão digital em inglês. Ressaltamos que o fenômeno real do *boom* de notícias falsas surgiu no ambiente virtual por meio das redes sociais e de suas possibilidades de compartilhamento feito de forma fácil, rápida e por qualquer indivíduo. Como pontuam Veronese e Fonseca (2018, p. 41):

As inovações tecnológicas têm alterado, cada vez mais, as condições sociais pelas quais as pessoas se comunicam e se relacionam. A Internet, por exemplo, tem sido usada para os mais diversos fins possíveis: da discussão política ao mero entretenimento.

Há que se levar em conta também a presença de contexto social favorável à propagação de notícias falsas, conforme o historiador Bloch (1921 *apud* MENDES; DONEDA; BACHUR, 2018, p. 142) pondera:

O erro somente se propaga, amplifica-se e ganha vigor com uma condição: que encontre na sociedade um contexto cultural favorável. Nele, inconscientemente, as pessoas exprimem seus preconceitos, seus ódios, suas inquietações, enfim todas suas emoções mais fortes.

Ainda sobre aspectos que favorecem ao compartilhamento, podemos nos remeter a Zeman (1970, p. 163), que já destacava:

A relação entre os níveis de informação do destinatário e da fonte é decisiva para determinar a corrente da informação, assim como, por exemplo, a capacidade do canal de comunicação do destinatário. [...] a rapidez da corrente de informação e a capacidade do canal de informação estão ligadas à questão da redundância.

Para o presente estudo, investigou-se a origem epistemológica do termo desinformação na CI, isto é, onde e quando este termo se originou e quais foram as influências teóricas e/ou práticas que nortearam as discussões existentes. Além disso, buscou-se analisar a constituição do conceito de desinformação e seus desdobramentos no contexto científico da CI.

Em plena sociedade da informação (CASTELLS, 1999), vivemos um *boom* informacional, também chamado de hiperinformação ou superinformação. Consequentemente, este cenário informacional vem alterando cada vez mais a relação das pessoas com os meios informacionais, ainda mais na chamada Era da Pós-Verdade, em que os “fatos objetivos têm menos influência que os apelos às emoções e às crenças pessoais” (OXFORD LEARNER’S DICTIONARY, 2019).

Um dos fenômenos mais recentes é o de *fake news*, assim como as denominadas *deep fake news*, que promovem uma falsificação mais profunda por meio de tecnologias que manipulam voz e imagem, proporcionando imitações praticamente idênticas. Tais alterações informacionais podem ocasionar severas consequências em aspectos da vida pública e privada, a ponto do tecnólogo e pesquisador norte-americano Aviv Ovadya (2018) denominar a situação atual de *infocalypse* pelo risco de distorção da realidade. Salientamos que *fake news* ocorre dentro do contexto do processo da desinformação, que tem sua origem estabelecida formalmente desde a Segunda Guerra Mundial (VOLKOFF, 2004). Sobre os aspectos cibernéticos da desinformação o autor destaca:

Se a televisão é o Paraíso da desinformação, a cibernética tornou-se o Olimpo, o Walhalla, os Campos Elíseos desde a invenção do *modem* e a entrada em função da Internet, essa invenção dos militares americanos que, de início, só tinha por objectivo descentralizar os postos de comando informáticos. Ultrapassando largamente a sua vocação militar, a Internet tornou-se o terreno por excelência onde a guerra da informação pode ter o seu livre curso (VOLKOFF, 2004, p. 181).

Neste contexto, a criação e disseminação de notícias falsas não são novidades, mas nunca houve ambiente informacional e facilidade de acesso às novas tecnologias tão propícios para a propagação desse fenômeno desinformacional. Desta forma, considera-se válido aprofundar o olhar científico

com relação a essa temática emergente na produção científica da CI, área de pesquisa caracterizada pela interdisciplinaridade, cujo objeto de estudo é a informação.

Del-Fresno-García (2019, p. 1) avalia que “as desordens de informação (desinformação, *fake news*, fatos alternativos, pós-verdade, *deepfakes*, etc) são produções intencionais que consistem na fabricação da dúvida e falsas controvérsias a fim de conseguir benefícios econômicos e ideológicos”. Para o autor, as desordens informacionais estão inter-relacionadas e dependem, de forma necessária, das tecnologias pós-internet, que têm modificado a natureza da comunicação interpessoal coletiva. Tais tecnologias supõem um devir de autoridade sobre a realidade sendo, na prática, uma vontade de supremacia ideológica e um risco às democracias liberais. Del-Fresno-García (2019) considera ainda que o atual cenário informacional tem “potenciais catastróficos” para milhares de pessoas principalmente pela desinformação ter sua interseção com a política e seu caráter performativo. E apresentam verdades fáticas e ficcionais, que tornam cada vez mais difícil identificar informações confiáveis.

Del-Fresno-García (2019, p. 2) pontua também que “verdade e mentira são conceitos filosóficos sujeitos a múltiplos níveis de debate (ontológico, lógico, semântico, metafísico, ético, teológico, epistemológico, etc)”. Para o autor a desinformação tem uma maior complexidade, em si mesma e para sua identificação, já que as *fake news* para serem eficazes em seus objetivos não precisam ser totalmente falsas. Para este fim, são selecionados dados parciais, incompletos, alterados, que têm como objetivo distorcer a percepção e o comportamento de diferentes grupos sociais.

De acordo com Del-Fresno-García (2019) a pós-verdade parece instituir-se como um mecanismo de legitimação, que procura naturalizar uma epistemologia baseada nas emoções, provocando a percepção de que se as emoções e sentimentos são reais, os fatos que as provocam também o são. Desta forma, não se constata o estímulo ao senso crítico, a um pensamento mais racional, que poderia atuar gerando a dúvida e incentivando a checagem da informação recebida antes de consumi-la e compartilhá-la como algo verossímil.

Outra consequência da desinformação, segundo Del-Fresno-García (2019), ainda baseado no contexto de pós-verdade, é que grandes grupos sociais estão insensíveis diante de evidências científicas, o que tem promovido uma crise de especialistas e generalizado uma crise epistêmica (“crise de autoridade epistêmica”). Neste sentido, a desinformação pode ser considerada um “conceito mais multifacetado e complexo que a mentira, o inexato, o incompleto” (KARLOVA; LEE, 2011, p. 9) por se utilizar de diversos recursos que distorcem a realidade, conforme diferentes interesses. E que ainda traz em sua deformação um caráter informativo (BUCKLAND, 1991) já que, até que ocorra a verificação da informação falsa ou distorcida, ela será considerada confiável e, a princípio, informativa, “aquilo que informa”. Para Del-Fresno-García (2019) é necessário recuperar o reconhecimento e respeito social dos cientistas, como fontes de autoridade e credibilidade, diante de publicitários, demagogos e desinformadores impulsionados pela força de interesses particulares e totalitários. Partindo deste contexto complexo envolvendo a desinformação, e da importância da CI no enfrentamento desta desordem informacional, lembramos que para Saracevic (1996, p. 47), a CI é:

[...] um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação.

Destarte, consideramos pertinente o estudo presente como forma de contribuir para o desenvolvimento da CI e o aprimoramento dos profissionais da informação.

E, diante da atual avalanche informacional, em plena sociedade da informação é relevante que a CI esteja atenta ao tema da pesquisa, que envolve diretamente a sociedade como um todo e a prática diária do profissional da informação, que agora tem um novo desafio: o de também lidar com a desinformação.

Kerr Pinheiro e Brito (2014, s/p) corroboram essa ideia ao afirmarem que “[...] pouco esforço tem sido empreendido no sentido de uma melhor compreensão dos ‘fenômenos negativos da informação’ [...]”, o que se torna ainda mais fundamental em um contexto informacional com redes digitais

repletas de dados, verdades e mentiras que se justapõem e se modificam a cada momento. Atenta-se também atualmente para o uso do termo *fake news* na esfera do senso comum e, conseqüentemente, sem aprofundamento, discussão e compreensão.

Sobre o processo de desinformação, de modo geral, Demo (2000) avalia que este seria um fenômeno natural da comunicação humana, uma vez que nossos sentidos são limitados na captação das informações, que estão sujeitas a serem captadas conforme nossos interesses. E vale aqui citar o ‘viés de confirmação’, conceito da área de Psicologia que se refere à tendência de se lembrar, interpretar ou pesquisar informações de maneira a confirmar crenças ou hipótese iniciais. É também considerado um tipo de viés cognitivo e um erro de raciocínio indutivo. O autor adverte, porém, que a desinformação perigosa é aquela advinda da manipulação excessiva e que, por causa disso, é fundamental preservar e estimular o senso crítico perante os processos de controle informacional. Desta maneira, define a desinformação como as ações que visam o excesso de informação com o objetivo de fazer o indivíduo perder o controle do seu manejo informacional e, principalmente, cultivar a ignorância (DEMO, 2000).

Sobre a possibilidade de o excesso de informação provocar a perda do controle individual do manejo informacional, conforme exposto anteriormente, adentramos em aspectos que também envolvem a manipulação e manutenção de interesses políticos e econômicos que envolvem o processo de desinformação, sendo que de acordo com Kerr Pinheiro e Brito (2014, s/p, grifo dos autores), a ‘informação manipulada’ estaria relacionada ao

[...] fornecimento de produtos informacionais de baixo nível cultural, cuja consequência direta seria a ‘*imbecilização*’ de setores sociais. Nesta concepção do conceito, setores de elite desinformariam amplamente de maneira a se perpetuarem no poder, concretizando mais facilmente seus próprios interesses.

Posto isto, a desinformação atuaria como processo de alienação da população para manter projetos de dominação política, ideológica ou cultural. Este sentido do termo é o mesmo partilhado por Demo (2000), e resumido por Kerr Pinheiro e Brito (2014, s/p) da seguinte forma:

Em síntese, sob esta óptica desinformação consistiria em um grande conjunto de informações disponibilizadas

cotidianamente, mas que não supririam o indivíduo com conhecimento necessário para participar do processo político e tomar as decisões necessárias ao progresso de sua própria vida e de seus semelhantes.

A desinformação está presente tanto no discurso científico quanto na prática dos profissionais da informação, assim como na sociedade como um todo, sendo atrelado popularmente ao termo *fake news*. Nesta pesquisa consideramos relevante verificar o nível de aprofundamento desse discurso nos trabalhos científicos na CI.

Neste sentido, o problema de pesquisa está relacionado à emergência do tema e a relevância que vem adquirindo nos últimos anos, inclusive em âmbito internacional, tendo como interesse a identificação da predominância desta temática na área de pesquisa da CI, assim como seus aspectos epistemológicos, que também envolvem os conceitos utilizados para definir desinformação e *fake news* e as abordagens dos trabalhos de pesquisa analisados.

Este estudo tem como justificativa a contribuição esperada aos estudos teóricos da CI, com destaque para a origem epistemológica de desinformação e suas vertentes, assim como o levantamento do estado atual das discussões sobre a temática na CI por meio de um estudo bibliométrico da produção científica na Brapci sobre o tema, no período de 2000 a 2019.

Neste sentido, Kerr Pinheiro e Brito (2014, s/p) ressaltam a necessidade da reflexão sobre o entendimento do espectro informacional, indo de suas “dimensões positivas às gradações negativas”. Conforme Matheus (2005, p. 156) afirma: “[...] a ciência da informação deve considerar a informação e a desinformação como objetos complementares de estudo da ‘ciência da informação’”. Tema de grande centralidade na mídia e diferentes redes de comunicação.

Há também que se levar em conta nos estudos científicos da CI a importância de se compreender o novo papel estratégico da informação para o imperialismo moderno, no âmbito do poder informacional, como bem esmiúça Brito (2015) em sua tese de doutorado. Partindo-se da ideia básica da desinformação como uma ação intencional para desinformar alguém, ressaltamos que o ato de desinformar adquiriu na atualidade uma nova

dimensão de poder que utiliza estratégias mais sutis na era informacional para reforçar algum tipo de dominação ideológica, envolvendo aspectos sociais, políticos e/ou econômicos. Neste aspecto, não há como não mencionar a primazia tecnoinformacional dos EUA, adquirida principalmente em decorrência do desenvolvimento tecnológico ocorrido em função da Segunda Guerra Mundial, conforme explana Brito (2015). Desta forma, os EUA se beneficiaram com a internet que dispõe de uma arquitetura informacional com capilaridade e fluidez das informações que trazem uma série de vantagens na esfera do domínio.

Além de serem recentes os estudos sobre desinformação relacionados ao fenômeno de *fake news*, há de se considerar também a escassez de bibliografia específica até o momento. Por meio da presente pesquisa de produção científica sobre a temática apontada, apresenta-se de maneira detalhada o *corpus* teórico da área enfocada, obtendo-se desta forma um panorama da produtividade sobre o tema dentro do recorte histórico definido. Acredita-se que este tipo de estudo pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da CI. E também servir como fonte de informação para futuras pesquisas, tendo em vista que apresenta, num período determinado, o que foi publicado na temática.

Um dos pressupostos do estudo é que o *boom* do fenômeno *fake news* nos últimos anos esteja motivando um maior interesse da área científica da CI em investigar a desinformação que, de acordo com Kerr Pinheiro e Brito (2014, s/p), abarca um grande “guarda-chuva conceitual”, incluindo a produção e divulgação de notícias falsas, denominada pelo senso comum, e também por parte da comunidade científica, como *fake news*. Também sinalizamos que outro pressuposto é de estar havendo o reconhecimento gradativo da desinformação como objeto de pesquisa da CI, que pode se aproveitar de certo modismo do uso do termo *fake news* para destacar a relevância deste campo de estudo que tem plenas condições para dominar e se especializar.

Desta maneira, este trabalho tem como objetivo principal mapear a produção científica sobre desinformação e *fake news* no âmbito da CI, em publicações indexadas na base de dados Brapci, no período de 2000 a 2019, sendo esta base de dados brasileira de ampla cobertura da publicação

científica periódica nacional e ibero-americana da CI. Para alcançar este objetivo, buscou-se: identificar a produção científica sobre desinformação e *fake news* na base de dados Brapci; investigar a origem epistemológica de desinformação e quais são as suas vertentes; verificar em quais âmbitos da CI o tema da desinformação está presente; averiguar possíveis sugestões de estratégias de enfrentamento e levantar as principais discussões e conceitos sobre a desinformação na produção científica da CI no Brasil, inclusive a distinção conceitual apresentada para a definição de desinformação e *fake news*.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente, abordaremos o percurso teórico, que envolve os conceitos de informação, desinformação e *fake news*, abarcando um breve histórico da CI, os conceitos de desinformação e *fake news* e estratégias de combate ao fenômeno *fake news*, que incluem os limites das agências de checagem e a competência em informação. Na sequência, em procedimentos teórico-metodológicos, pontuamos as características, estratégias e *corpus* da pesquisa, além dos procedimentos técnicos das coletas de dados e estratégias de análise de dados. No capítulo Panorama da Desinformação, apresentamos o estudo da produção científica, incluindo análises quantitativas e qualitativas. Em seguida, apresentam-se as considerações finais, incluindo as referências utilizadas e apêndice com o quadro geral das publicações analisadas.

2 PERCURSO TEÓRICO

2.1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: BREVE HISTÓRICO AOS DIAS ATUAIS

Com relevante papel social na evolução da sociedade da informação, a CI vem acompanhando os novos desafios informacionais que se apresentam, desde quando começou a se constituir como área científica após a Segunda Guerra Mundial. A explosão informacional do pós-guerra tornou urgente a organização do conhecimento científico e técnico, seguindo a premissa de Bush (1945, p. 101 *apud* SARACEVIC 1996, p. 42) de realizar “a tarefa massiva de tornar mais acessível um acervo crescente de conhecimento”.

De natureza interdisciplinar, a CI destacou-se inicialmente pelo trabalho de recuperação da informação, conforme Mooers (1951) destaca os aspectos intelectuais da descrição de informações e especificidades para a busca, incluindo os seguintes aspectos: como descrever, como especificar a busca e quais sistemas e máquinas serão empregados. E, conforme Saracevic (1996), a CI atua de forma mais estreita com quatro campos do conhecimento: biblioteconomia, ciência da computação, ciência cognitiva (incluindo inteligência artificial) e comunicação. Mais especificamente na área da comunicação, Saracevic (1996, p. 54) faz a seguinte afirmação:

[...] o desenvolvimento da relação entre CI e comunicação apresenta várias dimensões: um interesse compartilhado na comunicação humana, juntamente com a crescente compreensão de que a informação como fenômeno e a comunicação como processo devem ser estudadas em conjunto; uma confluência de certas correntes de pesquisa; algumas permutas entre professores; e o potencial de cooperação na área da prática profissional e dos interesses comerciais/ empíricos.

Sobre este aspecto também podemos citar Bates (1999) que aborda o metacampo da CI, reconhecendo que é importante analisar a CI em três campos: na transmissão do conhecimento humano, no armazenamento e na recuperação da informação registrada (CI, propriamente dita); na educação com o ensino e o aprendizado; e no jornalismo com a cobertura e a transmissão de notícias. Desta forma, a autora segue a mesma linha de Borko (1968), que trata a CI como uma metaciência envolvendo várias disciplinas.

Desde o início de suas atividades, a CI também leva em consideração o imperativo tecnológico e o quanto ele contribuiu para transformar a sociedade moderna em sociedade da informação. Nesta perspectiva, a informação continua sendo um dos mais importantes insumos estratégicos para se atingir e sustentar o desenvolvimento das mais diversas áreas do conhecimento.

Acerca do papel estratégico da informação, Barreto (1994, p. 3) acrescenta:

A informação, quando adequadamente assimilada, produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que ele vive. Assim, como agente mediador na produção do conhecimento, a informação qualifica-se, em forma e substância, como estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e seu grupo.

Partindo desta explanação, avaliamos que para a informação poder gerar conhecimento entendemos que cabe à CI também estar preparada para lidar com a desinformação, que se caracteriza na atualidade como um problema informacional bastante comum e relevante. E quanto maior a incidência de desinformação, menor a possibilidade efetiva de geração de conhecimento. Neste sentido, Buschman (2019) aborda a importância da Biblioteconomia e da CI no contexto informacional atual, que lida constantemente com a desinformação, um fenômeno que considera “persistente e de longa duração” (BUSCHMAN, 2019, p. 215). O autor também ressalta a importância dos profissionais da informação por poderem promover um “discernimento informacional” extremamente relevante na ecologia mediática atual (BUSCHMAN, 2019, p. 221).

Conforme o dinamismo inerente à área de atuação, a CI deve estar atenta à evolução das demandas informacionais, sendo que Saracevic (1996, p. 54) já pontuava três aspectos críticos da evolução da CI: o imperativo tecnológico que apresenta ou mesmo estimula o desenvolvimento e aplicação de uma crescente gama de produtos e serviços de informação; a evolução da sociedade da informação e as mudanças entre as relações interdisciplinares, principalmente envolvendo a ciência da computação e a inteligência artificial.

Saracevic (1996, p. 47, grifo do autor) ainda define a CI da seguinte maneira:

A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais.

O autor ainda acrescenta que “os problemas da informação não estão diminuindo, mas sendo transformados” (SARACEVIC, 1996, p. 55), reforçando a ideia da importância da CI estar preparada para novos desafios informacionais, pois “a necessidade dessa atividade organizada é crítica para a sociedade moderna. Preenchendo tal necessidade, a CI poderá ser melhor definida e reestruturada, como a sociedade requer” (SARACEVIC, 1996, p. 60).

Capurro (1991) também destaca a importância da CI se dedicar à pesquisa da desinformação e seus derivados ao considerar a captação de informações e desinformações como uma dimensão da existência humana, em que se torna necessário compreender, em um âmbito subjetivo, a natureza das coisas que se apresentam, inclusive com a possibilidade de concebê-las e compreendê-las erroneamente. O autor ainda considera como razão fundamental para o entrelaçamento de informação e desinformação, precisamente a estrutura finita da existência humana, nossa “facticidade”, e o fato de a ciência ser falível e todas as informações que armazenamos e recuperamos deverem ser entendidas dentro de uma possível situação de colapso, que deve ser evitada para obter resultados relevantes. Conseqüentemente, Capurro (1991, s/p) preconiza que “A ciência da informação é uma ciência hermenêutica apenas porque não há separação definitiva entre informação e desinformação. A ciência da informação é a ciência da informação e da desinformação”.

E, diante de novos desafios e necessidades informacionais na área da CI, Capurro (2015) destaca como principais dilemas ético-epistemológicos da era da informação as questões da liberdade e segurança, no sentido de privacidade, e a captura e uso de dados pessoais nas redes sociais. Tudo isso

torna-se mais grave em um contexto cada vez mais crítico, especialmente no âmbito da desinformação, considerando ainda o poder dos grandes monopólios privados da rede digital global, como Google, Facebook e Microsoft.

Neste sentido, Capurro (2015) pontua que:

As lutas epistêmicas no século XXI são lutas entre vários tipos de agentes públicos e privados que têm ou desejam ter o aparente bem-estar de sujeitos e / ou consumidores à custa de suas liberdades, com regras de jogo mais sutis, mas não menos problemáticas que as de Sociedade industrial no século XIX. Essas regras também têm a ver com os aspectos materiais da sociedade da informação em relação aos impactos ecológicos causados pelo lixo digital. Um pensamento ético-ecológico do século XXI deve abranger ambos os aspectos, informativos e materiais (CAPURRO, 2015, p. 327, tradução nossa).

Como exposto anteriormente, são muitos os desafios informacionais para a CI, o que demanda uma atualização constante, principalmente para o enfrentamento da desinformação e suas novas vertentes da atualidade. Ciente dos desafios a CI pode contribuir para a busca e obtenção de informações que realmente contribuam para a necessidade informacional dos indivíduos.

2.2 DESINFORMAÇÃO X *FAKE NEWS*

De acordo com a proposta do presente estudo, considera-se fundamental o entendimento mais aprofundado do conceito de desinformação dentro da CI, assim como da mídia em geral. Para isso, e dentro da abordagem de Estado da Arte, enfocamos o relevante trabalho de pesquisa de Kerr Pinheiro e Brito (2014) que traz à tona a importância de um debate que vá além do cunho semântico, já que a incompreensão do que seja desinformação pode apresentar consequências para indivíduos ou sistemas no tocante à adequada interpretação da própria informação.

No artigo referido, Kerr Pinheiro e Brito (2014, s/p) salientam inicialmente que “[...] pouco esforço tem sido empreendido no sentido de uma melhor compreensão dos ‘fenômenos negativos da informação’ [...]”. É válido ressaltar que, à época da publicação do artigo, o processo de desinformação ainda não estava popularmente vinculado ao termo *fake news*.

Kerr Pinheiro e Brito (2014) também destacam em seu estudo as contribuições de Nehmy e Paim (1998), que abordam a relação da qualidade

da informação e a ausência de debates sobre o que seja desinformação. Nesta perspectiva, Nehmy e Paim (1998, p. 43) reforçam o desafio da CI em abordar o lado negativo da informação quando afirmam que “[...] o erro, a desinformação, são fenômenos cuja apreensão não passa por uma questão de grau, mas pela mudança de olhar”.

Esta “mudança de olhar” proposta, de acordo com Kerr Pinheiro e Brito (2014), exige o entendimento do espectro informacional, indo de suas “dimensões positivas às gradações negativas”. Desta forma, na revisão de literatura, que foi objeto de estudo do artigo citado, três conjuntos de significados de desinformação foram identificados: **ausência de informação, informação manipulada e engano proposital**.

Com referência ao primeiro conjunto de significado, **ausência de informação**, Kerr Pinheiro e Brito (2014, s/p) ressaltam que tanto na literatura científica brasileira quanto na grande imprensa o termo desinformação está associado com o “estado de ignorância ou de ausência de informação”, inclusive sendo assim citado em verbetes de dicionários. Nesta concepção inicial, a desinformação também aparece com o significado de “ausência de cultura ou de competência informacional”. Tal concepção é considerada por Kerr Pinheiro e Brito (2014), no campo da CI, uma concepção amplamente reforçada por diversos autores, entre eles, Nehmy e Paim (1998) e Aquino (2007). Aquino (2007) também é destacada por relacionar o conceito de desinformação “aos ruídos e redundâncias” ao focar os processos de globalização e informação e, em particular, suas consequências perversas como a “marginalização informacional” e a ausência de acesso à informação, conceitos que Morin (1995) irá abordar como subinformação, ou seja, a informação parcial ou incompleta.

Ainda nesta categoria do conceito de desinformação como “ausência de informação”, Belluzzo (2005) é citada por defender que a desinformação atual seja a razão de muitos problemas sociais por atingir a racionalidade, a capacidade analítica do indivíduo e, conseqüentemente, comprometer a sua habilidade de se inserir socialmente. Já no debate sobre a competência informacional, Kerr Pinheiro e Brito (2014, s/p) destacam a compreensão da

desinformação como “informação inadequada”, citando como referência Steinbach e Blattmann (2006).

Nesta categoria de desinformação os autores do artigo também citam o filósofo da informação Luciano Floridi (1996) e sua indagação se as “supervias da informação”, na verdade, não seriam “vias da desinformação”, adquirindo uma visão similar do tema.

Luciano Floridi (1996), quando aborda a desinformação, também considera a questão da gestão da informação que pode levar à “desinformação involuntária”. Isto ocorreria por “falta de objetividade, completude e pluralismo”, sendo que a informação ao passar do produtor para o receptor, corre o risco de ser “mutilada” (FLORIDI, 1996, p. 512). Para o autor, nesta abordagem a “ausência de informação” se daria pela dificuldade da mudança do paradigma tecnoinformacional.

No segundo conjunto de significado, **informação manipulada**, a revisão de Kerr Pinheiro e Brito (2014) volta-se para outro entendimento bastante presente sobre desinformação, relacionado ao fornecimento de produtos informacionais de baixo nível cultural. A consequência direta seria a “imbecilização” de setores sociais, conforme Demo (2000) entende, para setores da elite permanecerem no poder, já que as grandes questões sociais passariam despercebidas, sem a compreensão devida ou o acompanhamento dos maiores interessados, que é a própria população.

Os modelos informacionais como os da sociedade da informação teriam um papel oposto ao apregoado, “em que as benesses estariam mescladas com a informação cujo propósito é desinformar” (KERR PINHEIRO; BRITO, 2014, s/p). Destarte, Demo (2000, p. 39) afirma que seria “sempre possível, pois, usar o melhor conhecimento para construir o mais refinado processo de imbecilização. Desinformar será, portanto, parte fundamental do processo de informação”.

Dentro dessa visão, Rodrigues, Simão e Andrade (2003) são também citados por Kerr Pinheiro e Brito (2014, s/p) por enfatizarem a “sociedade da desinformação” e o potencial da internet capilarizar a propagação da informação de baixo valor cultural ou utilidade. A esse fenômeno os autores denominam desinformação. Consequentemente, desinformação representaria

um grande conjunto de informações disponibilizadas cotidianamente, mas que não conseguiriam suprir o indivíduo com o conhecimento necessário para participar do processo político e tomar as decisões necessárias ao progresso de sua própria vida e de seus semelhantes.

No terceiro conjunto de significado, **engano proposital**, Kerr Pinheiro e Brito (2014) argumentam que essa forma de avaliar o conceito remonta ao ano de 1939, provavelmente relacionado aos regimes totalitários então em vigor na Europa. Neste enfoque, os autores afirmam que “desinformação é considerada uma ação proposital para desinformar alguém, de maneira a enganá-lo”, reforçando que o aspecto subjetivo da ação é parte determinante do conceito e envolve, inclusive, a desinformação de alto nível com o falseamento de informações especializadas.

O artigo de Kerr Pinheiro e Brito (2014) ressalta que embora essa concepção predomine sobre as anteriores na literatura científica anglo-saxã, o mesmo não se constatou no Brasil, uma vez que esta interpretação não foi encontrada na literatura científica nacional à época da pesquisa. Destacam ainda que na literatura estadunidense parcelas significativas das definições sobre esta expressão estão relacionadas ao ato proposital de enganar, de forma secreta sem se identificar, e deturpar a verdade.

Os autores acrescentam que na língua inglesa a palavra desinformação tem um significado mais amplo e complexo que na língua portuguesa. Tal significado abarca dois termos cujas acepções remetem à mentira ou ao propósito de mentir: *disinformation* e *misinformation*. O termo *misinformation* é utilizado para indicar informações incorretas ou enganosas. Do mesmo modo, *disinformation* também remete à ideia de informações incorretas, entretanto, diferentemente de *misinformation*, *disinformation* são falsidades conhecidas. Percebe-se, portanto, que ambos os conceitos remetem à divulgação de informações falsas, com a diferença que no caso de *disinformation* a falsidade já seria de conhecimento do autor antes de veicular a informação em questão.

Na conclusão, Kerr Pinheiro e Brito (2014, s/p) destacam que a tríade apresentada (ausência de informação, informação manipulada e engano proposital), por si só, pode causar desinformação e que a CI brasileira deve se dedicar à pesquisa sobre desinformação, como informação em sua “dimensão

negativa”, para um entendimento comum na área. Levantam ainda questões relevantes: Como garantir precisão e revocação em conteúdos elaborados com o intuito justamente de desinformar? Como atender as necessidades dos usuários por informação adequada, em um contexto em que informações são fabricadas para enganar?

Sobre a “dimensão negativa” da informação, apontada anteriormente, consideramos também relevante o conceito de desinformação funcional, citado por (SERVA, 2001, p. 70), para quem “[...] a ‘desinformação-informada’ pode gerar uma *desinformação funcional*, um fenômeno semelhante ao que acontece em casos de alfabetização ineficiente [...]”.

O autor ainda acrescenta:

A desinformação funcional, então, corresponde a um fenômeno definido pelo fato de que as pessoas consomem informações através de um ou mais meios de comunicação, mas não conseguem compor com tais informações uma compreensão de mundo ou dos fatos narrados nas notícias que consumiram (SERVA, 2001, p. 71).

De acordo com Serva (2001), o conceito de desinformação funcional seria resultante da saturação de informações nos meios de comunicação, fazendo referência também aos termos “explosão de informações”, “excesso de informações”, “explosão de notícias” ou “poluição de dados”, contexto informacional que também podemos relacionar, dentro do campo da CI, ao fenômeno do *Big Data*, que também pode contribuir ao processo de desinformação.

Neste sentido, Serva (2001) pontua:

Esse conjunto de informações provoca uma espécie de paroxismo da desinformação-informada e da deformação, no qual milhares de informações diariamente se sobrepõem umas às outras no suporte da comunicação, no meio em si e também ou mais gravemente na mente do receptor, em sua compreensão do mundo. Trata-se de uma *saturação*: os fatos se submetem uns ao paradigma dos outros, sem distinção (SERVA, 2001, p. 77, grifo do autor).

E embora Serva (2001) aborde a questão da desinformação dentro do âmbito jornalístico, é bastante pertinente sua análise quando correlacionamos à CI, que tem a informação como sua principal matéria-prima de estudo. Consequente, o autor afirma que:

O consumidor de informações hoje se vê enredado em um cipal de notícias e meios (todos trabalhando sob o conceito de que notícias têm que ser novidades) que tira sua capacidade de avaliação e compreensão das informações e possivelmente anula a sua capacidade de produzir signos interpretantes necessários para o acompanhamento de todas as notícias. A ação de acúmulo é seguida por uma reação de passividade diante do meio, que impede a transitividade (SERVA, 2001, p. 79).

Já Aleinikov, Miletskiy, Pimenov e Strebkov (2019, p. 119) indicam que com o fenômeno de *fake news* o conceito original de “notícia” está se perdendo, adquirindo mais o conceito de um “evento particular”, que pode adquirir grandes proporções, notoriedade, ao ser compartilhado nas redes sociais. De acordo com os autores, construções artificiais de notícias falsas começam a afetar a realidade e moldá-la.

Os autores também relacionam o conceito de “trauma cultural” (criado via informação) às transformações que estão acontecendo na sociedade informacional moderna, incluindo o fenômeno de *fake news*, que pode “conduzir à destruição do ato de comunicar em princípio” (ALEINIKOV; MILETSKIY; PIMENOV; STREBKOV, 2019, p. 120, tradução nossa).

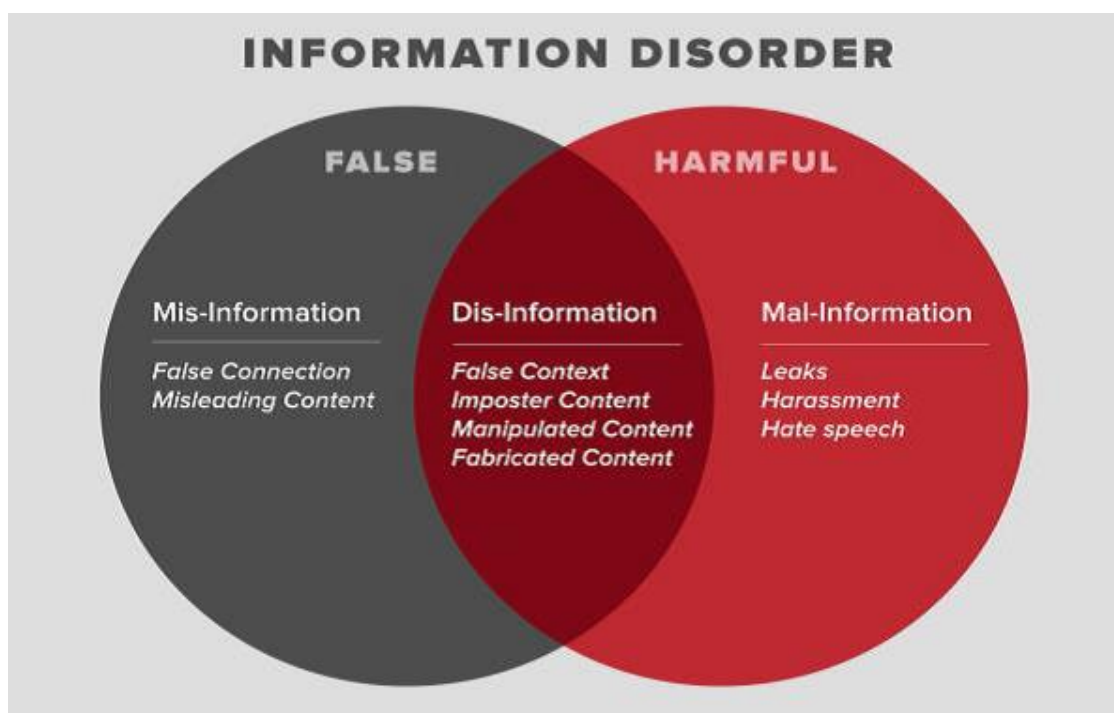
Consideram tal fenômeno informacional um desafio para a sociedade como um todo, exigindo uma reflexão científica e uma abordagem multiparadigmática que permita revelar as tendências de desenvolvimento das modernas comunicações políticas e sociais, que são agora gradativamente influenciadas por estratégias comunicacionais e tecnologias para falsear as informações.

Conforme exposto, e levando em conta a importância da busca da conceituação do fenômeno da desinformação para sua melhor compreensão e, conseqüentemente, seu efetivo enfrentamento, destacamos o recente trabalho da pesquisadora britânica Claire Wardle, que também é diretora de pesquisa do *First Draft*, projeto internacional ligado à Universidade de Harvard no combate à produção e disseminação de desinformação. No Brasil sua primeira atuação prática ocorreu na eleição de 2018, por meio do projeto Comprova, que reuniu 24 empresas midiáticas para combater a disseminação de rumores nas eleições.

Em 2017, Wardle, juntamente com o jornalista Hossein Derakhshan, lançou *Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making* (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), um amplo documento elaborado a pedido do Conselho da Europa. Este documento vem servindo de referência internacional para estudos sobre *fake news*, inclusive para entidades representativas do jornalismo brasileiro, como o Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), que desenvolveu o “Manual da Credibilidade Jornalística” a partir daquele estudo (PIMENTA; BELDA, 2017).

No *framework* elaborado (Figura 1), Wardle e Derakhshan (2017) apresentam como desinformação aquilo que tem conteúdo falso e se caracteriza por conteúdos impostores e conteúdos fabricados. Pode-se notar, de acordo com a concepção dos autores, como o domínio da desinformação (*disinformation*) está no meio do diagrama (*framework*), entre o que é apenas falso e o que é claramente nocivo. A desinformação ocupa uma zona ‘cinzenta’, em que a motivação da desinformação pode ou não ser nociva. Já na parte direita do *framework*, verifica-se o conceito de ‘mal informação’ (ou má informação), derivado de ‘*mal information*’.

Figura 1 – Framework sobre Desordem Informacional



Fonte: Wardle e Derakhshan (2017)

Baseado no estudo de Wardle e Derakhshan (2017), em síntese, as gradações da desinformação podem ser classificadas da seguinte forma:

Informação incorreta (*Mis-Information*) - Quando informações falsas são compartilhadas, mas sem intenção de dano;

Des-informação - Quando informações falsas são conscientemente compartilhadas para causar danos;

Mal-informação - Quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos, muitas vezes através da publicação de informações destinadas a permanecerem privadas (PIMENTA; BELDA, 2017, s/p).

A partir deste estudo, Almeida, Doneda e Lemos (2018, s/p) também complementam estas definições conforme segue:

Desinformação (*disinformation*): notícias falsas deliberadamente criadas e compartilhadas para prejudicar uma pessoa, grupo social, uma organização ou um país;

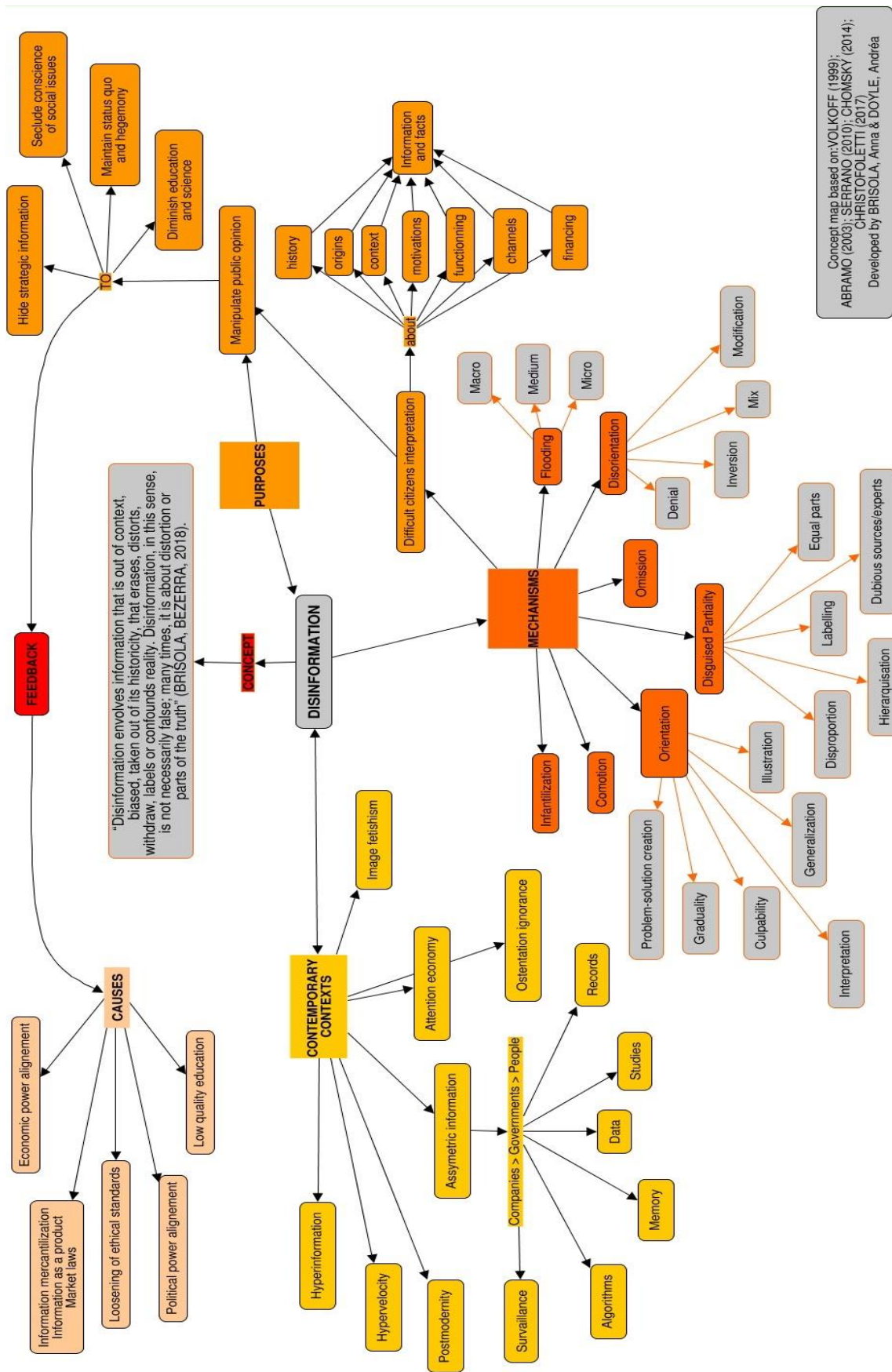
Notícia falsa propriamente dita (*misinformation*): compartilhada por uma pessoa desavisada que a princípio não tinha a intenção de prejudicar alguém. Como exemplo, podemos citar reportagens com erros causados por falhas na apuração;

Mal-informação (*mal-information*): notícias que, embora tenham bases reais, são editadas e disseminadas com a finalidade de causar danos, como revelar publicamente temas da esfera privada (ALMEIDA; DONEDA; LEMOS, 2018, s/p).

Ressaltamos que embora essas categorizações sejam sobre notícias, é possível fazer um paralelo ou adaptação para o campo da CI, que tem a informação registrada (noticiosa ou não) como base de estudo. Dentro do contexto da demanda dos usuários, é pertinente também que os profissionais da CI estejam atentos à categorização das desordens informacionais no campo da comunicação, pois estas estão diretamente relacionadas ao dia a dia dos indivíduos e influenciam na forma como se relacionam com a informação e sua busca. Ainda sobre as categorias descritas anteriormente, Almeida, Doneda e Lemos (2018, s/p, grifo nosso) avaliam que “[...] poderiam descrever o fenômeno de *fake news* em qualquer período da história, mas dois elementos fundamentais são específicos da atualidade: a **velocidade** com que as notícias se espalham e a **capilaridade** que elas têm”. Consideramos essas duas características relevantes para o desenvolvimento de estratégias de

enfrentamento de tal desordem informacional, como veremos na seção 2.3. No campo da conceituação da desinformação e os mecanismos complexos que envolvem a sua ocorrência na atual sociedade da informação, Brisola e Doyle (2019, no prelo) desenvolveram um mapa conceitual (Figura 2) baseado na discussão das abordagens teóricas de quatro autores: Volkoff (1999), Abramo (2003), Serrano (2010) e Chomsky (2014). Segundo Brisola e Doyle (2019), a concepção do mapa conceitual a seguir (Figura 2) foi motivada como forma de contribuir para a compreensão do fenômeno e, conseqüentemente, a resistência a ele.

Figura 2 - Mapa conceitual sobre desinformação



Fonte: Brisola e Doyle (2019)

No referido mapa conceitual, as autoras destacam aspectos relacionados a causas, contextos contemporâneos, mecanismos e propósitos da desinformação, que muitas vezes se subdividem tamanha a complexidade do fenômeno. No quesito 'causas', ressaltamos o alinhamento da força econômica associada a uma educação de baixa qualidade, que acaba por favorecer a um terreno fértil para a disseminação da desinformação. Dentre os contextos contemporâneos elencados, pontuamos que a hiperinformação, hipervelocidade e a pós-modernidade são temas recorrentes nos artigos que tratam sobre desinformação. Já os mecanismos da desinformação, definidos como infantilização (*infantilization*), comoção (*comotion*), orientação (*orientation*), parcialidade disfarçada (*disguised partiality*), omissão (*omition*), desorientação (*desorientation*) e publicação de hiperinformação propositadamente disseminada para distrair a atenção (*flooding*), demonstram o quanto a desinformação abrange mecanismos sutis de alteração da realidade informacional. Chama atenção também o quanto estes mecanismos prejudicam a capacidade interpretativa dos cidadãos em relação a fatos e informações. Nesta conjuntura desinformacional, o cidadão comum não dispõe de condições suficientes para avaliar a informação sob os aspectos históricos, de origem, contexto, motivação, funcionalidade, canais (de comunicação) e de financiamento, conforme demonstra o mapa conceitual.

As autoras também ressaltam que o cenário apresentado é favorecido por um "grande distanciamento ético", tanto de forma geral quanto profissionalmente, e defendem a atuação de um conselho ético para fiscalizar a atuação de jornalistas como forma de reduzir a desinformação (vale ressaltar que a possibilidade ou risco de produção de notícias falsas não se restringe a classes profissionais específicas).

Conforme o que foi apresentado até o momento, evidencia-se o quanto o tema da desinformação é complexo e envolve diferentes contextos e abordagens que afetam a vida pública e privada. A seguir, serão abordadas algumas sugestões de estratégias de combate ao fenômeno *fake news*.

2.3 ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO FENÔMENO *FAKE NEWS*

2.3.1 *Fact-Checking*: Os Limites Das Agências De Checagem

Com os atuais avanços tecnológicos vem se configurando um cenário que indica uma nova fase, talvez ainda mais preocupante, para o processo de desinformação. A tecnologia torna cada vez mais fácil falsificar áudios e vídeos, abrindo espaço para a *deep fake news*, termo que se refere à falsificação profunda, produzida com auxílio de inteligência artificial, que permitem a sintetização digital de imagem e voz. Gradativamente será mais difícil separar a realidade da manipulação digital, conforme apontam Almeida, Doneda e Lemos (2018, s/p).

Neste sentido, Machado, Steibel e Konopacki (2018) ponderam que

Na medida em que a tecnologia é parte do processo de reprodução social, esta deixou de ser objeto intruso para o qual bastaria a sua exclusão para volta de uma pretensa “normalidade”. As tecnologias digitais de comunicação já são parte indissolúvel da nossa vida social e política e as instituições ou se abrem a sua compreensão, ou jamais conseguirão antecipar seus efeitos (MACHADO; STEIBEL; KONOPACKI, 2018, p. 68).

E diante do contexto de crise informacional, algumas iniciativas estratégicas de combate à desinformação estão surgindo, entre elas estão as agências de checagem (*fact-checking*), que se dedicam ao trabalho de checar as informações divulgadas por textos ou vídeos e replicadas em escala exponencial. No Brasil, estão em atividade algumas agências de checagem como: Aos Fatos, Lupa, Truco, Comprova, Estadão Verifica, Boatos.org e E-farsas. Conforme Wardle e Derakhshan (2017), estima-se que atualmente haja 34 agências de checagem em 20 países europeus. De acordo com Träsel (2018, p. 83), “a checagem dos fatos veio ganhando espaço na década de 2010, à medida que a credibilidade e a legitimidade do jornalismo são postas à prova por fatores internos e externos ao campo da comunicação”, sendo a desinformação também motivada pelo contexto de polarização política associada à facilidade de disseminação de mensagens via redes sociais.

No âmbito da desinformação cada vez mais comum por meio das redes sociais, Almeida, Doneda e Lemos (2018) ponderam haver motivações

variadas que levam à produção e ao compartilhamento de notícias falsas. Essas motivações podem se relacionar com a simples negligência, como a disseminação de boatos ou matérias jornalísticas mal apuradas, à busca de vantagens políticas ou financeiras, passando pela tentativa de destruir reputações. Neste sentido os autores afirmam que:

Hoje, plataformas como Facebook, Twitter, Google e YouTube, entre outras, possuem alcance global instantâneo (ao menos no Ocidente). Tal panorama, associado com embates políticos nacionais, disputas geopolíticas globais e modelos de negócio baseados em publicidade comportamental, acabou por promover condições para que o fenômeno da desordem social se aprofundasse (ALMEIDA; DONEDA; LEMOS, 2018, s/p).

E embora o trabalho de checagem tenha relevância social, Träsel (2018, p. 69) levanta algumas limitações “[...] de ordem sociológica, tecnológica e humana para a correção de equívocos e falsidades através da apresentação de refutações aos cidadãos atingidos pela desinformação”.

Dentre os limites apontados, Träsel (2018) cita o limite sistêmico, em que as disputas sobre a veracidade e sentido de acontecimentos sociais são um problema de informação. A partir de análise feita por Waisbord (2018, p. 1873 *apud* TRÄSEL, 2018, p. 75), o autor avalia que:

Neste sentido, a checagem dos fatos pode ser compreendida como um blefe da comunidade profissional e dos empresários de mídia, os quais, em lugar de reavaliar os dogmas de objetividade e imparcialidade, dobram a aposta na capacidade das técnicas fundamentadas nestes ideais produzirem informação capaz de neutralizar a desinformação.

Outro limite do *fact-checking*, apontado por Träsel (2018), é o alcance, já que de modo geral as checagens são divulgadas em ciberjornais, muitos deles acessíveis somente mediante assinatura mensal, lembrando que ainda há barreiras econômicas para o acesso à internet.

O referido autor também aborda os obstáculos cognitivos à correção da desinformação, pontuando que “a mente humana é suscetível a diversas espécies de falhas de percepção e vieses cognitivos, oriundos das estratégias de economia da capacidade de processamento adotadas pelo cérebro” (TRÄSEL, 2018, p. 79). Neste aspecto, podemos novamente mencionar Demo (2000) que já apontava para essa limitação cognitiva – que naturalmente acaba

por favorecer a um certo grau de desinformação - e alertava para o perigo da manipulação excessiva.

De acordo com Träsel (2018), o principal viés cognitivo é a presunção da verdade, com certa tendência de as reações emocionais afetarem a interpretação de informações. Desta forma, posições políticas e visões de mundo pré-estabelecidas confirmariam as nossas crenças, levando ao efeito denominado “raciocínio motivado”, pelo qual criamos narrativas baseadas em conhecimento anterior para ajustar fatos às nossas crenças e valores. O autor ainda avalia que, por se basear em conhecimento prévio, o raciocínio motivado é uma falha cognitiva mais comum entre as camadas mais educadas e bem informadas da população. Neste contexto, também haveria maior possibilidade de disseminação de narrativas com mais conteúdo emocional, em relação à informação apresentada de forma mais técnica.

Esta constatação está em conformidade também com recente estudo de Vosoughi, Roy e Aral (2018), que confirmam que o apelo emocional no conteúdo das mensagens aumenta a probabilidade de notícias falsas serem retransmitidas, principalmente quando envolvem temas políticos. Por meio de métodos computacionais e análises lexicográficas¹ para inferir o contexto emocional nas comunicações, os pesquisadores descobriram que notícias falsas criam um senso de urgência e novidade, o que acaba por atrair a atenção e incentiva o compartilhamento. A pesquisa de Vosoughi, Roy e Aral (2018) também destaca o quanto a coleta de dados de usuários da internet pode determinar com precisão as suscetibilidades a vários tipos de mensagem. Neste sentido, apontam para a importância de haver o controle efetivo desses dados por parte do usuário.

Medidas restritivas neste campo passaram a valer em toda a União Europeia a partir de maio de 2018, quando entrou em vigor o seu Regulamento

¹ Refere-se à lexicografia, que consiste em: 1. Ciência ou estudo da elaboração, revisão e redação de dicionários, glossários, tesauros e vocabulários; 2. Trabalho ou função realizada pelo lexicógrafo ao elaborar dicionários; 3. Área da linguística que se dedica à análise empírica dos mecanismos usados pelo lexicógrafo para construir dicionários, bem como os seus métodos de seleção do vocabulário, dos significados, das classificações a ser usadas, bem como a própria utilização e avaliação do dicionário enquanto obra de consulta (LÉXICO DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ONLINE, 2019).

Geral de Proteção de Dados (GOMES, 2018). No Brasil, a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – Lei nº 13.853 – foi sancionada no dia 8 de julho de 2019 e entrou em vigor a partir de agosto de 2020 (BRASIL, 2019).

É válido também citar a iniciativa da IFLA ao lançar em 2017 e 2018, respectivamente, a “Declaração da IFLA sobre Alfabetização Digital” (IFLA, 2017a) e a “Declaração da IFLA sobre Notícias Falsas” (IFLA, 2018), que propõem uma série de recomendações que vêm ao encontro da importância da competência informacional para o desenvolvimento de sujeitos mais críticos e atentos ao processo de desinformação. A IFLA ainda disponibilizou, em 2017, material infográfico (Figura 3) para auxiliar no combate às notícias falsas, e que foi traduzido para mais de 30 línguas.

Figura 3 - Infográfico sobre identificação de notícias falsas



Fonte: IFLA (2017b)

Mesmo com suas limitações, pontuamos que o trabalho de checagem de fatos pode ter um papel fundamental no combate à pervasividade da desordem informacional, ou pelo menos na redução de seus danos. Vale salientar que o conceito de pervasividade refere-se à característica de se espalhar, infiltrar,

propagar ou difundir por toda parte (DICIONÁRIO AULETE DIGITAL, 2019), em um contexto que engloba a combinação da (dita) pós-modernidade, da comunicação em redes digitais e a polarização política contemporânea, envolvendo a percepção de aspectos distópicos² da internet.

Na próxima subseção, abordaremos a competência em informação por considerarmos uma habilidade necessária para lidar de forma mais crítica com os atuais desafios informacionais, com destaque para a desinformação.

2.3.2 Competência Em Informação: Mudança De Paradigmas

Diante deste contexto cada vez mais comum de caos informacional, consideramos relevante o desenvolvimento da competência informacional (*information literacy*), ou competência em informação (CoInfo), como estratégia de enfrentamento de desinformação, já que tem como proposta conceitual o aprendizado contínuo do indivíduo em lidar criticamente com volumes complexos de informações e saber usá-las de forma mais eficiente. Como aponta Dudziak (2003, p. 29), dentre os objetivos da competência informacional está a formação de indivíduos que:

Avaliem criticamente a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos, uma vez que: extraem informações de textos e documentos, sintetizando-os; examinam e comparam informações de variadas fontes considerando confiabilidade de fontes, distinguindo fatos de opiniões; analisam a estrutura e a lógica que sustentam os argumentos ou métodos; comparam os novos conhecimentos com os conhecimentos preexistentes, examinando contradições, novidade; sintetizam as ideias construindo novos conceitos; integram novas informações às informações ou conhecimentos preexistentes.

Neste sentido, Corrêa e Castro Júnior (2018) destacam a importância de a competência informacional acompanhar as mudanças de paradigmas que envolvem a CI, em que podemos incluir a desordem informacional recente. Sobre a evolução do conceito da competência em informação desde a sua

² Distopia refere-se à ideia ou descrição de um país ou de uma sociedade imaginários em que tudo está organizado de uma forma opressiva, assustadora ou totalitária, por oposição à utopia (DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2019).

formulação por Paul Zurkowski, na década de 1970, Corrêa e Castro Junior (2018) fazem a seguinte ponderação:

Saímos de uma visão baseada nas teorias cognitivistas, segundo as quais o indivíduo competente em informação seria aquele capaz de utilizar tecnologias e conhecimentos com vistas a solucionar problemas em seu ambiente de trabalho, e chegamos a um novo patamar, no qual o desenvolvimento da ColInfo passou a ser entendido como resultado da construção coletiva dos conhecimentos, valores e crenças por meio da interação social, além da aquisição de conhecimentos e habilidades técnicas. A constante evolução das tecnologias de informação e comunicação tem possibilitado novas formas de produção e disseminação de conhecimentos. As mídias sociais e as comunidades on-line demandam o desenvolvimento de novas competências (CORRÊA; CASTRO JUNIOR, 2018, p. 49).

Portanto, os autores confirmam a necessidade de a ColInfo estar atenta às mudanças na sociedade do conhecimento. Vitorino e Piantola (2009) ressaltam que a definição da *American Library Association* (ALA), em 1989, ainda é uma das mais difundidas: habilidade em localizar, avaliar e usar efetivamente a informação, e de saber reconhecer quando a informação é necessária. Em um *framework* recentemente produzido pela *Association of College and Research Libraries* (ACRL), uma divisão da ALA, a seguinte definição é encontrada:

Information literacy é o conjunto de habilidades integradas que engloba a descoberta reflexiva da informação, o entendimento de como a informação é produzida e avaliada, o uso da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética de comunidades de aprendizado (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 3, tradução nossa).

Sendo assim, é possível verificar, de acordo com Leite (2018, p. 77), “[...] a ocorrência de uma atualização do conceito da ALA, pela incorporação das palavras ‘reflexiva’ e ‘ética’ em sua formulação”. Neste sentido, o autor faz a seguinte ponderação:

A reflexividade sugere a criticidade, seja na leitura, seja no pensamento, seja na ação. A ética, por sua vez, complementa a criticidade na tomada de decisões possíveis ao lidar com um objeto informacional. Se a reflexividade tem a ver com a confiabilidade no ato de se informar, a ética tem a ver com a confiabilidade no ato de disseminar (LEITE, 2018, p. 77).

Como forma de incentivar e promover o senso crítico em relação à informação, Corrêa e Castro Junior (2018, p.42) destacam os sete pilares da competência em informação, que são representados por habilidades, conhecimentos e atitudes que permitem ao estudante/usuário da informação:

- a. identificar (*Identify*) – identificar uma necessidade pessoal de informação;
- b. definir um escopo (*Scope*) – avaliar o conhecimento atual e identificar lacunas a serem preenchidas;
- c. planejar (*Plan*) – construir estratégias para localizar informações e dados;
- d. obter (*Gather*) – localizar e acessar as informações e os dados necessários;
- e. avaliar (*Evaluate*) – revisar o processo de pesquisa, comparar e avaliar as informações e dados;
- f. gerenciar (*Manage*) – organizar a informação profissional e eticamente;
- g. apresentar (*Present*) – aplicar o conhecimento obtido: apresentar os resultados de suas pesquisas, sintetizar novas e velhas informações e dados para criar novo conhecimento e disseminá-los de várias formas.

Na intenção de elaborar diretrizes mais atualizadas para se lidar com os novos desafios informacionais na CI, em 2016 a ALA, por intermédio da ACRL, disponibilizou sua nova versão da “Estrutura para Competência em Informação na Educação Superior”, tradução livre para *Framework for Information Literacy for Higher Education* (ACRL, 2016). O documento apresenta seis conceitos básicos: 1. Autoridade é construída e contextual; 2. Criação da informação como processo; 3. Informação tem valor; 4. Pesquisa como investigação; 5. Academia como conversação; 6. Busca como exploração estratégica.

A partir dos conceitos elencados anteriormente podemos destacar o primeiro conceito – “Autoridade é construída e conceitual” – como de suma importância para o enfrentamento da desinformação, que envolve aspectos subjetivos na avaliação da qualidade da informação, englobando também aspectos da ética da informação. No atual ambiente informacional, em que qualquer pessoa pode adquirir uma visibilidade quase que instantânea e milhares de seguidores -, verifica-se que a percepção de autoridade para

opinar sobre determinado assunto vem se perdendo, assim como a ideia de que tal processo demanda tempo e esforço intelectual para ser desenvolvido.

Por sua vez, Brisola e Romeiro (2018) reforçam a importância da competência crítica em informação em um ambiente marcado pelo excesso de informações e que exige uma avaliação mais aprimorada dos documentos recuperados, salientando:

[...] deseja-se que os indivíduos além de reconhecer sua necessidade de informação, buscar e acessar, distingam informações relevantes para seus interesses de boatos, *fake news*, distorções da informação etc. Estima-se que esta pessoa, munida de Competência Crítica em Informação, entendendo esta competência como algo adquirido ao longo da vida, desenvolve uma resistência (política) baseada em uma leitura crítica ante a informação (BRISOLA; ROMEIRO, 2018, p. 70).

McDougall *et al.* (2019) também destaca o quanto a alfabetização digital está sendo utilizada como forma de resiliência de cidadãos diante de processos desinformativos. De acordo com o autor, tal constatação pode ser verificada pelo fato das notícias falsas estarem se tornando objeto de investigação, discursos políticos e acadêmicos e projetos colaborativos, nos últimos anos, sendo cobrada sua maior relevância devido às recentes crises eleitorais nos Estados Unidos e no Reino Unido.

Com as constantes mudanças do espaço informacional no contexto da *Web 2.0*, marcada pela produção e compartilhamento de conteúdo por parte dos usuários, assim como pelo uso das mídias sociais como fontes de informação (devido principalmente por sua velocidade e a facilidade de acesso), urge o desenvolvimento de competências para a verificação da qualidade das fontes de informação digital como parte das estratégias para evitar a desinformação tanto por parte dos usuários quanto dos profissionais da informação.

Tomáel, Alcará e Silva (2016, p. 17), por meio de um estudo para a revisão e atualização de indicadores e critérios de qualidade para fontes de informação digital, apontam que “a sobrecarga de informação contínua e crescente, aliada ao descrédito quanto à qualidade e aos processos que avaliam a informação, desqualificam a informação a que se tem acesso”. Para promover a qualificação das informações disponibilizadas no meio digital, as

autoras pontuam seis indicadores de avaliação de fontes de informação digital, com seus respectivos critérios:

- a) Aspectos extrínsecos (características externas e de função da fonte de informação no ambiente virtual);
- b) Aspectos intrínsecos (refere-se ao conteúdo disponibilizado pelas fontes de informação no ambiente virtual associado às necessidades de um usuário ou uma comunidade de usuários);
- c) Credibilidade (relaciona-se à sua valorização e à utilização da fonte de informação por parte dos usuários);
- d) Aspectos contextuais (aspectos que circundam o usuário da informação);
- e) Representação (função dos sistemas de informação e dos recursos) e
- f) Aspectos de compartilhamento (interação e participação do usuário).

Devido à temática da presente pesquisa, consideramos pertinente destacar os indicadores “Credibilidade” e “Aspectos de compartilhamento”.

No indicador Credibilidade, Tomáel, Alcará e Silva (2016, p. 36) mencionam os seguintes critérios:

Autoridade/Confiabilidade

- Apresentação de informações completas sobre o autor ou organizador/compilador da fonte;
- Autor com reconhecida credibilidade em sua especialidade, com produção constante e significativa;
- Hospedagem da fonte:
Identificação do domínio (educacional, governamental, organização comercial). *Sites* acadêmicos e governamentais têm maior credibilidade do que os comerciais.

Responsabilidade

- Identificação – entidade ou pessoa física que disponibiliza ou mantém a fonte – URL, *e-mail*;
- Identificação da fonte – título informativo e preciso, apresentação das credenciais do autor, explicação dos objetivos da fonte.

No indicador “Aspectos de compartilhamento”, ressaltamos o critério Produtor e Consumidor, que Tomáel, Alcará e Silva (2016, p. 39) definem com os seguintes aspectos:

- Usuário pode fazer uso da informação e contribuir no desenvolvimento de ações e informações na rede;
- Difícil distinção entre produtor e consumidor de informação;
- Comparação do conteúdo com outras fontes:
Observação da quantidade/qualidade das indicações de fontes (links e referências);
- Verificação do perfil do autor;
- Identificação das reações e opiniões;
- Qualidade da imagem/áudio/vídeo;
- Avaliação do argumento;
- Valoriza a concordância/discordância dos comentários.

Tendo em conta os indicadores de qualidade das fontes de informação digital destacados anteriormente, podemos constatar no cenário informacional atual certa tendência generalizada de não se levar em conta a importância de verificar a credibilidade da fonte digital antes de compartilhar a informação. Além disso, com a facilidade do acesso às tecnologias de informação e seu compartilhamento praticamente instantâneo, verifica-se muitas vezes que o ato de compartilhar é instigado por impulso, provavelmente por motivações variadas, mas que muitas vezes acabam contribuindo para o consumo da informação sem qualificação e, conseqüentemente, a desinformação, compartilhada em larga escala.

Sobre o processo de compartilhamento nas mídias sociais, Tomaél (2016) acrescenta que ele não é suficiente para promover o engajamento das pessoas, em uma relação comunicacional cada vez mais marcada pela trivialidade. Mas, apesar do aspecto trivial das relações humanas na atualidade, Tomaél (2016, p. 183) demonstra certo otimismo quando afirma que:

Essa virtualização das relações as tornam superficiais, menos valorizadas, descartáveis. Porém, o usuário/produtor de conteúdo no ciberespaço compartilha e contribui, em diferentes mídias, ações que podem resultar em produtos com a qualidade necessária para serem reconhecidos como fontes de informação e recomendadas aos usuários, especialmente como conteúdo complementar a fontes mais consolidadas e, desse modo, beneficiar os usuários de informação.

Com o espaço informacional cada vez mais fluido, Tomaél (2016, p. 183) entende ser necessário que a sociedade conectada trabalhe em colaboração para “solidificar algumas ações que possam qualificar fontes de informação

para espaços múltiplos”. E, neste sentido, ressaltamos a importância do desenvolvimento da competência informacional para o uso e a produção adequada da informação, reduzindo-se gradativamente a possibilidade de desinformação.

Ao abordarmos a competência informacional como um conjunto de habilidades para localizar, manejar e utilizar a informação de forma eficaz para uma grande variedade de habilidades, inclusive para a aprendizagem ao longo da vida, em aspectos pessoais e profissionais, levamos também em consideração a sua validade como estratégia para o enfrentamento da desinformação. Para tanto é válido resgatarmos aqui as sete categorias da competência informacional abordadas por Bruce (2003):

a) Categoria 1 – Concepção baseada nas tecnologias da informação, que são consideradas o centro da atenção e a informação se vê objetivamente, como algo externo ao indivíduo.

b) Categoria 2 – Concepção baseada nas fontes de informação. Refere-se à habilidade de localizar as fontes de informação e de acessá-las de forma independente. As fontes podem se apresentar em diferentes formatos, inclusive como pessoas.

c) Categoria 3 – Concepção baseada na informação como processo. Refere-se às estratégias que o usuário usa para enfrentar uma situação nova por falta de conhecimento ou informação. Uma ação eficaz, um problema resolvido ou uma decisão tomada é resultado desta experiência.

d) Categoria 4 – Concepção baseada no controle da informação. Tal controle engloba três subcategorias: por meio de fichas manuais, por meio do cérebro e da memória (associações mentais) e por meio de computadores que permitam o seu armazenamento e recuperação. As pessoas competentes em informação conseguem utilizar diferentes meios para obter a informação dentro da sua esfera de influência, de modo que possam recuperá-la e usá-la quando for necessário.

e) Categoria 5 – Concepção baseada na construção do conhecimento. Refere-se ao uso crítico da informação com o propósito de construir uma base pessoal de conhecimento. A informação se converte em um objeto de reflexão,

de caráter fluido ou subjetivo. Mais do que um armazenamento de informação, implica em perspectivas pessoais a partir da análise crítica do que se lê.

f) Categoria 6 – Concepção baseada na extensão do conhecimento. Refere-se ao uso da informação associada a uma capacidade de intuição e introspecção criativa, que acabam por resultar no desenvolvimento de ideias novas e soluções criativas, novos pontos de vista; novas concepções de mundo.

g) Categoria 7 – Concepção baseada no saber. Refere-se ao uso da informação com sabedoria em benefício da sociedade. Para isso, inclui o uso da informação associada a valores pessoais. O uso sábio da informação ocorre em diferentes contextos, incluindo a emissão de juízos, a tomada de decisões e a investigação. Implica colocar a informação em um contexto mais amplo e percebê-la dentro de uma experiência maior, como por exemplo, histórica, temporal ou sociocultural. A consciência dos valores e da ética pessoal é necessária para poder utilizar a informação desta forma.

Levando em consideração as sete categorias da competência informacional abordadas por Bruce (2003), atentamo-nos principalmente à categoria 5, que se refere ao uso crítico da informação no processo de desenvolvimento do conhecimento. No atual ambiente informacional, marcado também por processos de desinformação, parece que o conceito de criticidade diante da informação está desvalorizado, com a reprodução cada vez maior do que predomina no senso comum. O sujeito informacional tende a ter acesso a um volume cada vez maior de informação, mas sem estar preparado para lidar com a informação como objeto que demanda pensamento mais reflexivo e aprofundado antes de ser reproduzido e compartilhado. Isto vem ao encontro da proposta da ALA (2016), que reforça a importância do desenvolvimento da competência crítica.

De acordo com o que foi exposto, acreditamos que a competência informacional vem se sedimentando como uma estratégia relevante no combate à desinformação. Percebe-se um esforço contínuo desta área em se atualizar aos novos desafios informacionais, reforçando cada vez mais o desenvolvimento do pensamento crítico. Aliás, a capacidade de questionar e analisar de forma racional as informações que nos permeiam parece cada vez

mais rara. No ambiente virtual, a facilidade e a urgência de “opinar” tendem a se sobrepor à necessidade da reflexão racional, muitas vezes com consequências desastrosas.

3 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1 DAS CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

A presente pesquisa tem como característica ser exploratória e descritiva, uma vez que engloba o estudo do conceito de desinformação, e a vertente *fake news*, por meio de abordagem epistemológica e bibliográfica. De acordo com Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 63),

A pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre seus elementos componentes. Esse tipo de pesquisa requer um planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou de uma situação.

Já na pesquisa descritiva o pesquisador descreve o objeto da pesquisa. “Procura descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos”, conforme Barros e Lehfeld (2007, p. 84). Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 62) complementam que

A pesquisa descritiva desenvolve-se, principalmente, nas ciências humanas e sociais, abordando aqueles dados e problemas que merecem ser estudados, mas cujo registro não consta de documentos. Os dados, por ocorrerem em seu hábitat natural, precisam ser coletados e registrados ordenadamente para seu estudo propriamente dito.

Em síntese, podemos afirmar que a pesquisa descritiva, em suas diversas formas, trabalha com dados coletados ou fenômenos observados da própria realidade.

Já a abordagem é quali-quantitativa, com a análise dos dados coletados, englobando aspectos subjetivos e objetivos. A partir do estudo da produção científica sobre desinformação e *fake news* na Brapci são apresentados índices numéricos por meio de gráficos para sua melhor visualização e compreensão.

3.2 ESTRATÉGIAS E *CORPUS* DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E BIBLIOMÉTRICA

Para a realização do estudo de produção científica foi definida uma amostra intencional para constituir o *corpus* de análise, composta por materiais de natureza bibliográfica. A primeira etapa da pesquisa também envolveu o

levantamento da literatura nacional e internacional disponível sobre desinformação e *fake news*. A segunda etapa consistiu numa pesquisa bibliométrica realizada por meio da análise dos dados obtidos na consulta da Brapci.

Como o universo da pesquisa é a produção científica indexada na Brapci, a coleta de dados foi delimitada no período de 2000 a 2019. Ressaltamos que os dados apresentados neste estudo se referem àqueles coletados até 30 de novembro de 2019 para a conclusão da pesquisa em tempo hábil.

A opção pela Brapci deu-se principalmente por ser uma das principais bases de referência na CI brasileira, com repercussão e visibilidade relevantes, e ainda por ter um sistema ágil de indexação, o que proporciona dados atualizados. A Brapci (BRAPCI, 2019), criada em 1972, é uma base de dados brasileira de ampla cobertura da publicação científica periódica nacional e ibero-americana da CI. Atualmente disponibiliza referências e resumos de textos publicados em 57 periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área. Inclui publicações seriadas, como trabalhos do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib) e do Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria (EBBC), sendo que do total de periódicos, 40 estão ativos e 17 são históricos ou descontinuados. Incorpora periódicos ibero-americanos dos seguintes países: Argentina, Colômbia, Cuba, Espanha, México, Peru, Portugal e Uruguai.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Este estudo envolveu uma pesquisa bibliográfica na literatura nacional e internacional preliminar em duas fases: preparatória/planejamento e elaboração.

A partir dos registros bibliográficos indexados na Brapci, o critério de delimitação do *corpus* da pesquisa foi apresentar no título, resumo ou nas palavras-chave um dos termos: desinformação; *fake news*; e ter sido indexado no período de 2000 a 2019 (até 30/11/2019).

A busca na Brapci verificou a ocorrência de 49 publicações indexadas. Vale ressaltar que foi necessário verificar uma a uma as ocorrências em cada categoria de busca para evitar a duplicação do mesmo dado.

Observa-se a republicação do artigo “Ambivalências da sociedade da informação”, de Pedro Demo, originalmente publicado na revista *Ciência da Informação*, em 2000. O artigo foi republicado em 2018 no mesmo periódico, por ocasião de edição comemorativa pelos 45 anos da revista.

A definição do recorte temporal, de 2000 a 2019, deve-se por ser este um período marcado pelo auge da internet e das redes sociais, englobando o que se chama de *Web 2.0*, termo usado a partir de 2004 para designar uma segunda geração de comunidades e serviços oferecidos pela internet, baseados em redes sociais e tecnologia da informação. Este cenário intensificou o favorecimento da interatividade dos usuários da internet por meio do compartilhamento, mas também potencializou um ambiente informacional para o aumento de desinformação.

3.4 ESTRATÉGIAS E TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS

Na sequência da identificação dos trabalhos que abordam desinformação e *fake news* na Brapci, efetuou-se análise dos dados com o intuito de identificar as fundamentações teóricas e possíveis influências para a definição do conceito de desinformação para CI, conforme recorte histórico da pesquisa.

Para realizar esta análise, a leitura do título, resumo e palavras-chave não foram suficientes, sendo necessária uma leitura detalhada das produções científicas para verificar as abordagens teóricas elencadas pelos autores.

E tendo como referência os objetivos propostos nesta dissertação, definiu-se por trabalhar com duas técnicas de análise: 1) Bibliometria e 2) Análise de conteúdo. A primeira técnica enfocou a produção científica sobre desinformação e *fake news* em CI, incluindo títulos dos trabalhos, anos de produção, periódicos, autores, instituições de ensino superior (identificação e localização por região/país). A segunda técnica de análise auxiliou na verificação de abordagens conceituais teóricas de desinformação e *fake news*,

quais assuntos os trabalhos abarcam e quais são as sugestões de enfrentamento sugeridas para desinformação.

3.4.1 Bibliometria

Conforme Oliveira (2018), o interesse pela Bibliometria, que consiste em estudos estatísticos aplicados no campo biblioteconômico, ocorreu a partir de 1970, quando começam a surgir as metodologias qualitativas, como a análise das redes sociais, contrapondo-se à ótica positivista, onde os números eram vistos isolados do contexto. Desta forma, Oliveira (2018, p. 20) afirma:

Hoje, os métodos quantitativos em Ciência da Informação constituem o conjunto de conhecimentos relacionados à avaliação da informação e da ciência produzida, fundamentam-se na sociologia da ciência e utilizam-se de quantificações, com procedimentos advindos de outras áreas, como a matemática e estatística, bem como computação. São vistos diferentemente quando interpretados somente pela ótica eminentemente positivista, onde os números eram vistos de forma isolada do contexto onde emergiram. Avaliar a produção científica nas diversas áreas do conhecimento significa visualizar o comportamento da ciência, a partir de indicadores bibliométricos, por meio de análises epistemológicas, históricas e sociais, do contexto onde nasceram. Os números não valem por si só, mas a partir da análise do contexto de origem.

Um dos usos mais comuns da Bibliometria é em pesquisas que avaliam a produção científica nas diversas áreas do conhecimento, sendo uma forma de visualizar o comportamento da ciência a partir de dados bibliométricos, por meio de análises epistemológicas, históricas e sociais. Os estudos métricos são considerados uma subárea da CI.

No Brasil, de acordo com Oliveira (2018), alguns autores apontam como sinônimos os termos Bibliometria, Metrias da Informação, Estudos Bibliométricos ou Estudos Métricos da Informação. Ainda segundo Oliveira (2018), foi a partir de 1980 que houve um aumento de pesquisas que utilizam a Bibliometria, sendo o antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atualmente Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o responsável pelos primeiros estudos bibliométricos, que também passam a ser importantes para avaliações da CAPES. Oliveira (2018) também

cita Lotka que em 1926 fez um estudo pioneiro sobre a distribuição de frequência de produção científica.

Ainda de acordo com Oliveira (2018), umas das contribuições dos estudos bibliométricos é sua utilização como indicador de impacto e visibilidade. Por exemplo, uma citação pode ser tomada como indicador objetivo e claro da comunicação científica. É por esse motivo que a análise de citação contribui para o entendimento de uma comunidade científica ao identificar os pesquisadores com maior impacto na área e dar visibilidade às referências teóricas que os sustentam, aos seus conceitos, objetivos e métodos. É uma maneira de fazer o mapeamento da comunidade científica.

Desta forma, acreditamos que a bibliometria apresenta-se como uma técnica que se mostra eficiente para analisar os aspectos quantitativos das publicações indexadas na Brapci, levando-se em consideração os vieses subjetivos da abordagem qualitativa.

3.4.2 Análise de Conteúdo

Para a avaliação qualitativa utilizamos a análise por categorias, que é uma etapa da análise de conteúdo, fundamentada principalmente na proposta de Bardin (2011). A análise de conteúdo designa:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p.47).

Ainda conforme Bardin (2011) aponta, a análise de conteúdo engloba três fases: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados, que passam por um processo de avaliação detalhada que consiste na inferência e interpretação dos dados obtidos.

Como indica Câmara (2013, p. 190), “na pesquisa qualitativa deve haver maior preocupação com o processo em detrimento dos resultados ou produto. Os pesquisadores procuram verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias”.

Como parte integrante das estratégias da análise de conteúdo, as categorias de análise ou categorias analíticas são uma forma de organizar o texto, dando corpo às informações levantadas na pesquisa empírica.

Moraes (1999, p.12) pontua que “a categorização é um procedimento de agrupar dados considerando a parte comum existente entre eles. Classifica-se por semelhança ou analogia, sendo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo”. Desta forma, a categorização facilita a análise da informação, mas deve estar fundamentada em uma definição precisa do problema, dos objetivos e dos elementos utilizados na análise de conteúdo.

Para os fins desta dissertação, foram delimitadas as seguintes categorias analíticas para a análise qualitativa dos artigos coletados: 1) Distinção entre os conceitos de desinformação e *fake news*; 2) Conceito de desinformação; 3) Conceito de *fake news*; 4) Autores utilizados para referencial teórico e 5) Estratégias de enfrentamento.

Acreditamos que esta estratégia de análise contribuiu para a verificação e compreensão dos conceitos sobre desinformação e *fake news* abordados nos trabalhos científicos indexados na Brapci que fazem parte do *corpus* da pesquisa. Desta forma, a partir dos registros bibliográficos foi possível a elucidação de como os conceitos de desinformação estão sendo abordados recentemente pela CI.

3.5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Por meio de abordagem quantitativa e qualitativa, os resultados são apresentados com o auxílio de figuras, gráficos, quadros e tabelas. As tabulações foram feitas utilizando a ferramenta Excel. Já os dados qualitativos são apresentados a partir de análises das categorias descritas anteriormente.

4 PANORAMA DA DESINFORMAÇÃO: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo apresentamos um panorama sobre a desinformação, conforme a proposta da pesquisa. Os debates levantados referem-se às investigações científicas no âmbito acadêmico da CI.

Inicialmente são apresentados os resultados quantitativos relativos à produção científica indexada na Brapci no período de 2000 a 2019, com posterior análise qualitativa dessas publicações.

4.1 ASPECTOS QUANTITATIVOS

Esta subseção destina-se à análise dos 49 trabalhos científicos indexados na base de dados Brapci no período de 2000 a 2019 (coletados até 30/11/2019). Para fins didáticos e de organização elaborou-se um quadro geral composto de cada trabalho indexado, em ordem cronológica crescente e alfabética (Apêndice A).

Ao todo foram 49 trabalhos indexados, distribuídos da seguinte forma: dois artigos em 2000; um artigo em 2006; um artigo em 2014; um artigo em 2015; quatro artigos em 2017; 21 em 2018 e 19 artigos em 2019, conforme demonstra o Gráfico 1 a seguir.



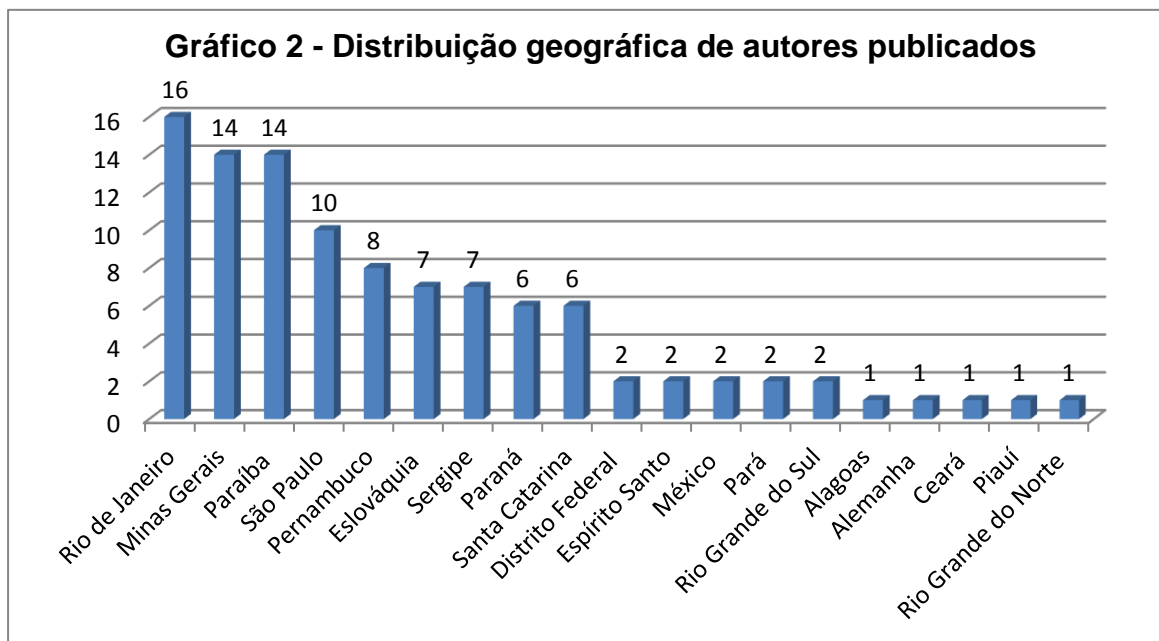
Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme exposto pelo Gráfico 1, podemos perceber uma “onda” crescente de publicações a partir de 2017, provavelmente motivada pela

popularidade que a desinformação adquiriu por meio da vinculação com o termo *fake news* a partir de 2016. Tal associação entre desinformação e *fake news* motivou-se pelos desdobramentos ocorridos na eleição presidencial norte-americana no referido ano. O então candidato à presidência, Donald Trump, utilizou exaustivamente o termo *fake news*, como sinônimo de notícia falsa, ao referir-se a notícias que supostamente tivessem algum teor de crítica à sua conduta ou proposta de governo. Aliado a isso, houve também a divulgação de suspeitas de apoio do governo soviético na manipulação e divulgação de notícias nas redes sociais para o favorecimento da candidatura de Trump. Diante deste contexto informacional em que se evidenciou o potencial de manipulação das informações, o tema da desinformação acabou adquirindo grande visibilidade no âmbito do senso comum, repercutindo também na área científica, como podemos constatar com o aumento crescente de produção de trabalhos científicos no período abrangido pela presente pesquisa.

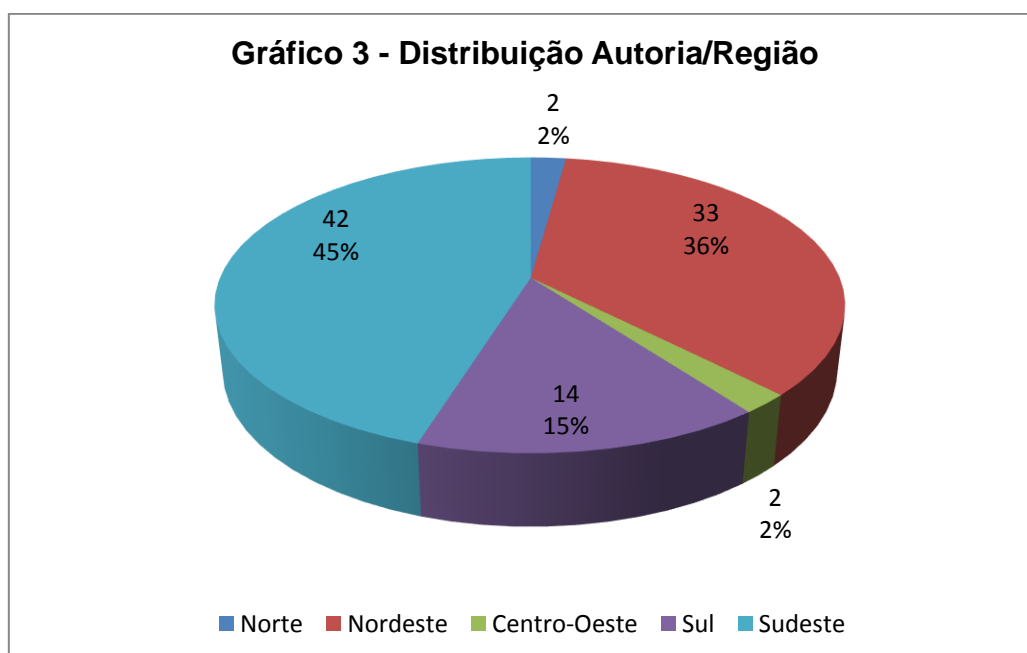
Pode-se verificar também, a partir da análise quantitativa realizada, um número relevante de autores interessados na temática da desinformação, totalizando um montante de 103 autores de publicações científicas nacionais e estrangeiras indexadas na Brapci. Dos 103 autores participantes das 49 publicações indexadas, 93 são brasileiros e 10 estrangeiros.

Quanto à ocorrência de publicações produzidas por autor, seis autores participam em duas publicações; um autor em três publicações e um autor em quatro publicações. Os 93 autores brasileiros estão vinculados a instituições dos seguintes estados da federação: Alagoas (01), Ceará (01), Distrito Federal (02), Espírito Santo (02), Minas Gerais (14), Pará (02), Paraíba (14), Paraná (06), Pernambuco (08), Piauí (01), Rio de Janeiro (16), Rio Grande do Norte (01), Rio Grande do Sul (02), Santa Catarina (06), São Paulo (10) e Sergipe (07). Os 10 autores estrangeiros pertencem a: Alemanha (01), Eslováquia (07) e México (02). O Gráfico 2 a seguir ilustra essa distribuição.



Fonte: Elaborado pela autora.

A predominância geográfica dos 93 autores nacionais com trabalhos científicos indexados na Brapci, conforme a temática e o período determinado, tem a seguinte configuração regional, englobando 16 estados: Região Norte (02), Região Nordeste (33), Região Centro-Oeste (02), Região Sul (14) e Região Sudeste (42), conforme demonstra o Gráfico 3.



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos dados apresentados anteriormente pelo Gráfico 3, destaca-se a incidência de autores da Região Sudeste (42 autores) e Região Nordeste (33 autores). Podemos inferir que uma possibilidade da razão da liderança de autoria das publicações se deva principalmente à prevalência de instituições de ensino superior na Região Sudeste em comparação com a Região Nordeste, embora esta região também apresente quantidade relevante de autores publicados. Ressalva-se que algumas publicações da Região Nordeste se configuram em artigos de autoria coletiva com mais de três participantes, diferentemente do que se constata nos artigos da Região Sudeste.

4.2 ASPECTOS QUALITATIVOS

Esta etapa da dissertação dedica-se à análise qualitativa dos documentos indexados na Brapci no período de 2000 a 2019 (até 30/11/2019). Apresentam-se as análises feitas a partir de categorias previamente definidas, conforme os objetivos do estudo. Salientamos que dos 49 artigos previamente elencados, farão parte da análise qualitativa 44 artigos, pois quatro artigos indexados não apresentavam conteúdo referente ao tema da pesquisa, embora se enquadrassem nos critérios definidos de busca; e o artigo “Ambivalências da Sociedade da Informação”, de Pedro Demo, originalmente publicado em 2000, foi republicado em 2018, na íntegra, na edição comemorativa pelos 45 anos da Revista Ciência da Informação, não tendo sido analisado novamente.

Destacamos que os 44 artigos abarcam a temática de desinformação em torno de diversos assuntos como: competência informacional, o fetichismo das tecnologias, a manipulação da informação e a pós-verdade, sinalizando desta forma como o tema tem sido tratado de forma abrangente pela CI. Ao analisarmos as publicações em Grupos de Trabalho do Enancib, é possível verificar maior ocorrência da temática no GT 5 (Política e Economia da Informação), seguida do GT 3 (Mediação, Circulação e Apropriação da Informação) e GT 1 (Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação). Em menor quantidade, há trabalhos publicados no GT 8 (Informação e Tecnologia) e GT 11 (Informação e Saúde). É válido mencionar que um dos artigos do GT 11 aborda a desinformação relacionada à campanha de vacinação brasileira, problema desinformacional recente, que tem

apresentado prejuízos diretos na saúde pública, como o baixo índice de vacinação contra sarampo nos últimos anos, o que ocasionou o retorno da doença. Desta forma, verificamos a amplitude de vertentes e âmbitos da CI que tratam da desinformação, inclusive em situações práticas do cotidiano que afetam diretamente a qualidade de vida dos usuários de informações.

4.2.1 Desinformação E *Fake News*: Distinção Conceitual

Partindo do pressuposto da importância da distinção dos conceitos que envolvem a desinformação e *fake news* para uma compreensão mais abrangente e efetiva no âmbito da desordem informacional, e também para verificar como a CI está abordando a temática proposta de pesquisa, definimos esta categoria como parte inicial da análise qualitativa.

E tendo como referência os 49 artigos indexados, sendo efetivamente analisados 44, verificamos que em 18 artigos a distinção dos dois conceitos é realizada, sendo que na maioria das vezes é feita de forma abrangente e sem citar referencial teórico. A distinção dos dois conceitos é feita nos seguintes artigos: [artigo 15, 2018], [artigo 19, 2018], [artigo 20, 2018], [artigo 21, 2018], [artigo 22, 2018], [artigo, 23, 2018], [artigo 26, 2018], [artigo 29, 2018], [artigo 32, 2019], [artigo 33, 2019], [artigo 35, 2019], [artigo 40, 2019], [artigo 41, 2019], [artigo 42, 2019], [artigo 45, 2019], [artigo 47, 2019], [artigo 48, 2019] e [artigo 49, 2019]. Os outros artigos, de modo geral, conceituam um dos termos ou citam um deles ou ambos, sem aporte conceitual, referindo-se aos conceitos de como se já houvesse uma compreensão prévia e generalizada do significado dos termos. Em outras palavras, percebemos a naturalização dos conceitos.

4.2.2 Definindo Desinformação

Tendo como referência a desinformação como conceito mais abrangente na área de pesquisa na CI, constatamos que as definições utilizadas apresentam características variadas. Um dos primeiros artigos da área sobre o tema apoia-se na metáfora como figura de linguagem para buscar uma definição, conforme o exemplo a seguir:

[...] desinformar faz parte da informação, assim como a sombra faz parte da luz. Trata-se do mesmo fenômeno, apenas com sinais inversos. Desinformar será, portanto, parte do processo de informação. [artigo 2, 2000]

Como exposto anteriormente, podemos avaliar que esta definição inicial está estruturada, de certa forma, em argumentação superficial, sem ao menos mencionar a manipulação da informação dentro do processo desinformativo ou aspectos que envolvam o regime de informação. Podemos inferir que tal percurso argumentativo justifique-se devido à data da publicação, quando o texto ainda não tinha adquirido a relevância, e pelo fato do autor não ser da área da CI e sim da sociologia. Adiante, ao percorrermos os conteúdos dos artigos desenvolvidos sobre a temática na CI, dentro do recorte histórico definido do presente estudo, pode-se constatar certa evolução na busca de definir de forma mais elaborada o conceito de desinformação. Exemplos disto estão nos excertos apresentados em seguida:

Notícias e informações falsas ou semifalsas. De acordo com Fallis (2015), essa é uma prática que pode ser extremamente perigosa e que deve ser observada a partir de três características básicas: a) desinformação é informação; b) desinformação é uma informação enganosa; c) desinformação não é uma informação acidentalmente enganosa. [artigo 7, 2017]

Brito e Kerr Pinheiro (2014, p. 2 e 3) afirmam existir três significados para desinformação: (i) ausência de Informação; (ii) informação Manipulada e (iii) engano Proposital. [artigo 10, 2018]

Desinformação é escassez de informação, informação errônea. [artigo 14, 2018]

Brito (2015, p. 51) traz uma definição mais específica: Desinformação consiste fundamentalmente em informações falsas, distorcidas ou enganosas fornecidas a um determinado adversário com a pretensão de que este tome decisões lastreadas por uma leitura equivocada de realidade. Pode ser traduzida, portanto, como o uso de mentiras com o propósito de iludir ou falsear. [artigo 21, 2018]

Segundo Leite e Matos (2017, p. 2336), a desinformação ocorre quando o indivíduo perde o senso crítico, “gerando uma mecanização no comportamento dos indivíduos acerca da informação, de modo que acabam se comportando como propagadores de uma onda de ‘poluição informacional’”. [artigo 22, 2018]

A desinformação, concebida como a “ausência de informação”, é relacionada a um estado de ignorância do indivíduo em relação ao conhecimento relevante para seu desenvolvimento e sua atuação na sociedade (NEHMY; PAIM, 1998; AQUINO, 2007). [artigo 27, 2018]

De acordo com as definições de desinformação expostas, verificamos que algumas estão relacionadas ao contexto de guerra e reforçam ainda a ideia de que o fenômeno desinformacional é antigo, conforme Volkoff (2004) e Fallis (2015) apontam, indo além da ideia de “novidade”, atualmente relacionada com *fake news*. É válido salientar que a ideia de “engano proposital”, quando se refere ao conceito de desinformação, ganha certo destaque na produção científica nacional atual, diferentemente do que Kerr Pinheiro e Brito (2014) constataram à época da revisão de literatura nacional e estrangeira exposta anteriormente na Introdução, como demonstram os excertos seguintes, com grifos nossos:

Balém (2017) entende a *fake news* como uma mentira em forma de notícia. O foco das *fake news* são os cidadãos comuns e sua principal função é mexer com a emoção destas pessoas, tanto gerando hate speech (discurso de ódio), como uma imagem positiva do ator central da notícia, que pode ser um personagem, um grupo político, uma instituição ou ideologia. As *fake news*, segundo Wardle (2017), são divididas em sete categorias: (1) sátira ou paródia, (2) falsa conexão, **(3) conteúdo enganoso**, (4) falso contexto, (5) conteúdo impostor, (6) conteúdo manipulado, (7) conteúdo fabricado. [artigo 43, 2019]

Fallis (2015) trabalha com o conceito de desinformação, pois considera que a desinformação é informação, **é uma informação enganosa e não é uma informação acidentalmente enganosa**. Para Volkoff (2004) desinformação é um tipo de informação falsa, de manipulação voluntária. [artigo 33, 2019]

Ao refletir sobre essa questão, importa atentar que, para os fins desta investigação, o termo desinformação foi utilizado de forma abrangente, **denotando informações falsas ou enganosas**, independentemente da intencionalidade de quem as divulga. Reconhece-se, todavia, a existência de distinções entre os termos “misinformation” e “disinformation” (STAHL, 2006). [artigo 32, 2019]

Alguns artigos, como o exemplo seguinte, já são mais enfáticos quando da conceituação de desinformação ao relacionarem ao fenômeno de *fake news*:

[...] a desinformação é um fenômeno que vai além das discussões sobre *fake news*, incluindo todas as formas de informações falsas, imprecisas ou enganosas, formuladas, apresentadas e divulgadas com o objetivo de causar intencionalmente danos públicos ou com fins lucrativos. [artigo 18, 2018]

Destaca-se, no exemplo de conceituação anterior, a ressalva de que a “desinformação é um fenômeno que vai além das discussões sobre *fake news*”. Desta forma faz um esclarecimento bastante relevante sobre o atual cenário desinformacional, que tende a não diferenciar os conceitos. Em seguida, selecionamos um excerto que abrange de forma mais abrangente a inter-relação entre desinformação e *fake news*:

As *fake news* cooperam para que haja desinformação, que é uma arma política forte, porque é mais fácil controlar a conduta da população e colocar posições contrárias as “desejáveis” como erradas e passíveis de sofrerem consequências graves. Tendo em vista as características apontadas acima, é possível inferir que a desinformação, utilizada como ferramenta política, busca acobertar crises em dimensões controladas, enquanto redireciona a atenção pública para outras áreas e situações que apresentem perspectivas mais favoráveis. [artigo 19, 2018]

Em “Representação da informação noticiosa pelas agências de fact-checking: do acesso à informação ao excesso de informação”, artigo 48, de 2019, os autores citam dois tipos específicos de desinformação, notícia falsa e notícia manipulada, da seguinte forma:

Desde então, observamos o aumento da circulação de dois tipos específico de desinformação: a notícia falsa (*fake news*), baseada na mentira, e a manipulada, baseada na verdade omitida. A notícia manipulada, por sua vez, é um tipo de desinformação mais sofisticada. Trata-se de um jogo discursivo e cognitivo, que segundo Grijelmo (2017), é alimentado por um conjunto de estratégias, identificadas por ele como “técnicas de silêncio”, uma vez que elas não se baseiam na construção de uma mentira, como as *fake news*, mas, na omissão de uma parte determinante da verdade. São elas: a insinuação, a pressuposição e o subentendido, a falta de contexto e, por fim, a inversão da relevância. [artigo, 48, 2019]

Neste artigo há um detalhamento maior sobre desinformação, que acaba por envolver estratégias mais sutis no âmbito do discurso e da cognição, que incluem a “omissão de uma parte determinante da verdade”. Assim, considera a notícia manipulada um tipo mais sofisticado de desinformação, o que torna

ainda mais complexa sua identificação por parte do usuário, que fica cada vez mais vulnerável ao engano informacional.

Destaca-se ainda “*Unravelling the basic concepts and intents of misbehavior in post-truth society*”, artigo 49, de 2019 (um dos três artigos estrangeiros sobre a temática publicados em periódicos ibero-americanos indexados na Brapci), que faz uma ampla revisão das terminologias utilizadas para a definição de desinformação e *fake news*. Inclui diferenciações conceituais entre *information*, *misinformation* e *disinformation*, em português, informação, informação incorreta e desinformação. Dentre os autores citados no referido artigo, ressaltamos Allcott e Gentzkow (2017) e Tandoc Jr, Lim e Ling (2018) que também são mencionados com frequência nos artigos nacionais pesquisados.

Constatamos, a exemplo dos artigos 18 e 28, de 2018, e do artigo 31, de 2019, o quanto o processo de desinformação pode causar prejuízos diretos na área da saúde, muitas vezes de âmbito internacional. Tais fatos confirmam assim os achados de Del-Fresno-García (2019) que aborda em sua pesquisa a “crise de autoridade epistêmica” no atual cenário informacional, marcado pela trivialidade, como afirma Tomaél (2016).

De acordo com Del-Fresno-García (2019), percebe-se uma tendência cada vez maior de desvalorização dos dados com comprovação científica pelo público usuário de informações por meio das redes sociais. Isso leva a consequências ainda mais desastrosas considerando-se a velocidade e a capilaridade no processo de compartilhamento de informações falsas, conforme argumentam Almeida, Doneda e Lemos (2018).

A constatação da perda da credibilidade científica, como indicam os artigos citados acima, vem ao encontro da importância do resgate de alguns critérios para avaliação das fontes de informação digital abarcados por Tomaél, Alcará e Silva (2016) que possam garantir maior credibilidade da informação, como autoridade/confiabilidade e responsabilidade.

4.2.3. Definindo *Fake News*

Bastante popular e integrado ao senso comum, o termo *fake news* é utilizado com frequência nos artigos analisados, embora muitas vezes seja

apenas citado, sem a utilização de conceito teórico. Quando conceituado, o termo aparece de forma variada, assim como no caso de desinformação. Os trechos a seguir mostram essas variações de abordagem, que acabam por refletir indiretamente posicionamentos ideológicos acerca das opções por sua definição. Nos exemplos seguintes podemos observar concepções mais superficiais:

[...] notícias falsas. [artigo 8, 2017]

Refere-se de modo geral ao "consumo e disseminação de informações falsas, distorcidas, manipuladas, servindo às mais diversas finalidades pessoais e institucionais". [artigo 9, 2017]

Já nos próximos excertos, percebe-se um maior aprofundamento na conceituação, que contribui para um entendimento mais amplo deste aspecto desinformativo:

A chamada *fake news* é a arte de manipular as multidões em virtude de sua linguagem fácil e destinada a um público que já tenha uma opinião desfavorável em relação aos personagens envolvidos na mentira criada (SANTOS, 2018). [...] as *fake news* sustentam a pós-verdade como uma política de desinformação que se aproveita da fragilidade de convenções éticas dos ambientes virtuais. [artigo 30, 2018]

Designam-se como *fake news* notícias e informações falsas que reproduzem o padrão convencional de notícias verdadeiras, porém que ausentam de dados editoriais e normas que validam sua veracidade e credibilidade. Apesar de pareça [sic] um fenômeno recente, principalmente por estarem bastante vinculadas à internet, as *fake news* são algo que sempre existiu, apenas adaptaram-se a um novo contexto, formato e mídia. [artigo 19, 2018]

Conforme apresentado anteriormente, as conceituações utilizadas para o termo *fake news* confirmam em sua maioria a abordagem teórica das categorias de desinformação desenvolvidas pelos estudos de Wardle e Derakhshan (2017), que englobam *fake news* como “des-informação” (quando as informações falsas são conscientemente compartilhadas para causar danos), conforme apontam Pimenta e Belda (2017). Almeida, Doneda e Lemos (2018) complementam esta definição como “desinformação” (*disinformation*), que consiste em notícias falsas deliberadamente criadas e compartilhadas para prejudicar uma pessoa, grupo social, uma organização ou um país.

Vale observar que em alguns dos artigos indexados o foco principal parece ser direcionado ao fenômeno de *fake news*, embora a maioria das abordagens no âmbito da CI procure abarcar o fenômeno como parte da desinformação, na perspectiva de um entendimento mais amplo e complexo de desordem informacional.

4.2.4 Estratégias De Enfrentamento Sugeridas

Por meio da análise qualitativa dos artigos, constatamos que a maioria apresenta sugestões de enfrentamento para a desordem informacional relacionada à desinformação que, inevitavelmente, adquiriu novos formatos com o desenvolvimento das TICs. E ganha, de certa forma, popularidade com a propalada *fake news*.

Percebe-se que há tendência nos artigos em considerar a competência crítica em informação como uma estratégia necessária e relevante para o enfrentamento do processo de desordem informacional. Observa-se que alguns autores dos artigos analisados utilizam os termos “competência infomidiática” nos artigos 14, 25 e 28, de 2018, e 47, em 2019, e “alfabetização informacional”, no artigo 44, em 2019.

Há também autores que ressaltam a importância de o profissional da área da CI estar atualizado e ciente do seu papel de mediador para auxiliar o usuário a identificar a desinformação e não praticar o seu compartilhamento, o que aumenta ainda mais o caos informacional. Como exemplo disto o trecho seguinte argumenta sobre a:

Necessidade de criação de estruturas que auxiliem na identificação de notícias falsas. Há, também, a necessidade de operacionalizar arquiteturas que deem conta de auditar os conteúdos propagados na internet. O cientista da informação deve ter compromisso com a identificação e a desmistificação das *fake news*, assim como com o desenvolvimento das fontes de informações auditadas. [artigo 29, 2018]

Outro artigo reforça a necessidade de a CI estar atenta às novas demandas informacionais para contribuir ao enfrentamento da desinformação, conforme aponta da seguinte forma:

É fundamental que mais pesquisas sejam realizadas sobre a desinformação, o compartilhamento e a qualidade da informação, não apenas em mídias sociais, mas também em

outras comunidades de bibliotecários. A Ciência da Informação precisa manter-se atenta ao que está em voga na sociedade e a demanda por estudos relacionados às fake news, suas causas e implicações certamente fazem parte das demandas atuais. [artigo 21, 2018]

Em relação à competência crítica informacional, são apontadas as seguintes funções imprescindíveis para munir o cidadão no reconhecimento, uso e compartilhamento de informações verdadeiras:

Competência crítica em informação para o desenvolvimento do pensamento crítico, consciência crítica e pensamento reflexivo. [artigo 11, 2018]

Competência em informação para promover reflexão sobre os direitos dos cidadãos, principalmente ligados à privacidade e segurança na internet. [artigo 13, 2018]

Competência em informação para orientar os profissionais da saúde em lidar com essa problemática; Campanhas de conscientização e de combate a *fake news*. [artigo 17, 2018]

[...] promoção da educação e da Competência Infomidiática, considerando que o desenvolvimento vitalício de competências críticas e digitais, em especial para os jovens, é fator crucial para reforçar a resistência da sociedade à desinformação. [artigo 37, 2019]

De modo geral as funções da competência crítica informacional expostas anteriormente demonstram a importância fundamental deste conjunto de habilidades na formação dos indivíduos para saber avaliar criticamente a informação, conforme aponta Dudziak (2003), e de forma mais reflexiva, como pondera Leite (2018). As descrições utilizadas para estas funções também confirmam os achados teóricos de Corrêa e Castro Junior (2018) que indicam o quanto as mídias sociais e as comunidades on-line demandam o desenvolvimento de novas competências em um ambiente marcado pelo volume informacional cada vez maior, conforme Bruce (2003) e Brisola e Romeiro (2018) salientam.

No artigo 37, de 2019, a competência informacional é considerada um “um fator crucial para reforçar a resistência da sociedade à desinformação”, definição que vem ao encontro da abordagem teórica de McDougall *et al.* (2018), que defendem a alfabetização digital como forma de resiliência diante de processos desinformacionais. Neste contexto, ressalta-se ainda o

desenvolvimento de estratégias para a seleção de fontes de informação a fim de evitar a desinformação, com destaque para três critérios: autoridade, atualidade e precisão, conforme o artigo 7, de 2017; e política de análise das informações recebidas, ou seja, critérios para buscar melhores fontes de informação no artigo 14, de 2018, assim como Tomaél, Alcará e Silva (2016) argumentam sobre critérios e indicadores das fontes de informação digital.

A importância da verificação das informações, por meio das agências de checagem (*fact-checking*), também é destacada em alguns artigos, a exemplo do artigo 48, de 2019, que indica que o trabalho das agências de checagem contribui para a “construção de redes de significados para a disseminação do conhecimento, a partir de uma consciência mais crítica, e de uma comunicação marcada pelo acesso, sem excesso”. Tal afirmação confirma a abordagem teórica de Träsel (2018) sobre a importância das agências de checagem para o combate à desinformação, embora o autor também abarque em seus estudos algumas limitações destes órgãos. Dentre as limitações apontadas, estão as de ordem sociológica e humana para a correção de equívocos e falsidades através da apresentação de refutações aos cidadãos atingidos pela desinformação; o limite sistêmico, que envolve a veracidade e sentido de acontecimentos sociais como um problema de informação e a limitação cognitiva, já que o cérebro humano está sujeito a falhas de percepção e vieses cognitivos, inclusive em processos que envolvam a correção da desinformação.

O desenvolvimento do senso crítico e da ética surge também como necessário para a promoção de um ambiente informacional mais assertivo e consciente, conforme indicam os seguintes artigos:

Preservar o ambiente crítico e a autocrítica para poder reduzir e controlar a informação e, assim, evitar a desinformação. [artigo 2, 2000]

Articulação de ações presenciais e virtuais – por exemplo, escolas ou movimentos sociais que aliem contato direto e atuação nas redes para esclarecer a necessidade de se certificar da veracidade das informações que circulam e desfazer equívocos. Daí a necessidade de uma educação ética para que se entenda que nem tudo pode ser tornado público, que é preciso respeitar a intimidade e a privacidade, e que as próprias articulações políticas exigem um resguardo incompatível com esse apelo à publicidade irrestrita. [artigo 6, 2017]

[...] novos paradigmas que envolvem a Filosofia da Informação e a CI para uma reflexão mais crítica e ética no meio digital. [artigo 9, 2017]

Neste sentido, é possível perceber a inclusão gradativa de aspectos mais reflexivos na abordagem da estratégia da competência informacional no enfrentamento da desinformação, em concordância com a definição da ACRL, de 2016, sobre *information literacy*, que aborda a “descoberta reflexiva da informação” e “participação ética de comunidades de aprendizado”. Consideram-se, assim, aspectos mais subjetivos na abordagem desta problemática que, inevitavelmente, perpassa por questões que envolvem a reflexão e a ética em diferentes aspectos, conforme Leite (2018) aponta também.

A ética da informação também é indicada como relevante estratégia de enfrentamento da atual desordem informacional, conforme demonstram os artigos 40 e 41, de 2019. A questão ética ganha destaque no contexto informacional atual principalmente por envolver aspectos relacionados à privacidade e à liberdade de expressão, com uma incidência cada vez maior de produção e disseminação de informações falsas. Conforme os artigos demonstram, existe a preocupação de que a disciplina de Ética da Informação esteja presente no currículo dos cursos de graduação e pós-graduação da CI. Este argumento alinha-se ao pensamento de Floridi (1996), um dos principais precursores dos estudos sobre o tema.

Neste capítulo apresentamos os resultados e as discussões referentes ao panorama da desinformação abordado na presente pesquisa, por meio de análise quanti-qualitativa, que englobou avaliação de 49 publicações indexadas na Brapci, no período de 2000 a 2019. Inicialmente, apresentamos os aspectos quantitativos da pesquisa, envolvendo estudos bibliométricos sobre as publicações, que foram apresentados em forma de gráficos, com dados estatísticos. A abordagem quantitativa envolveu quantidade de publicações, autoria e distribuição regional dos artigos. Em seguida, apresentamos os aspectos qualitativos, abarcando categorias de análise, como parte da análise de conteúdo. A avaliação qualitativa abrangeu as diferentes abordagens identificadas nos artigos sobre o tema, incluindo a incidência em GTs do

Enancib, distinções conceituais de desinformação e *fake news*, assim como sugestões de estratégias de enfrentamento da desinformação. Destaca-se o desenvolvimento de habilidades para a competência crítica informacional, que também é considerada uma forma de resiliência à “imbecilização da informação”. Os apontamentos levantados também ressaltam a importância da mediação do profissional da CI. As agências de checagem também são consideradas aliadas relevantes no processo de desvendar as informações falsas, embora considere-se também suas limitações nas correções da desinformação. Por fim, aborda-se a importância do desenvolvimento da ética para um ambiente informacional mais crítico e assertivo. É válido levar em consideração que Brisola e Doyle (2019) pontuam que o cenário informacional atual favorece a um distanciamento ético de grande proporção, assim como Capurro (2015) que propõe um pensamento ético-ecológico do século XXI que abranja os aspectos informativos e materiais da informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desinformação não é um processo novo, mas é inegável que na atualidade, com o suporte das novas tecnologias de informação e comunicação, esta desordem informacional esteja adquirindo nuances ainda mais desafiadoras para a sociedade e, principalmente, para os profissionais vinculados diretamente à CI. Como Capurro (1991) e Saracevic (1996) ressaltam, é fundamental que a CI se dedique às pesquisas sobre desinformação, mantendo-se atualizada sobre as novas demandas informacionais, além de valorizar a importância do seu papel de mediação.

Neste novo cenário informacional, a possibilidade de compartilhamento espontâneo de informações falsas aumenta ainda mais a desordem informacional, conforme aponta o relevante estudo de Wardle e Derakhshan (2017), que busca detalhar as categorias de desinformação, complementadas ainda por Almeida, Doneda e Lemos (2018). Sobre as diferenciações conceituais, ressaltamos também o pertinente trabalho de Kerr Pinheiro e Brito (2014) que destaca o fato de a desinformação como “engano proposital” não ser uma conceituação comum na literatura nacional à época da referida revisão de literatura, diferentemente do que constatamos no presente estudo. Os autores fazem uma diferenciação conceitual importante, já que há certa tendência de não diferenciar os conceitos até como forma de favorecer um tipo de ignorância que colabora para a manutenção e continuidade de um ambiente cada vez mais desinformacional.

Na atualidade o excesso de informações no âmbito do *big data*, por exemplo, também dificulta a correta percepção do grau de credibilidade das informações veiculadas. Isto mostra que cada vez mais os critérios de avaliação das fontes de informação digital precisam ser resgatados e colocados em prática, conforme Tomaél, Alcará e Silva (2016) indicam. É válido salientar as limitações que implicam a correção da desinformação, que envolvem desde aspectos cognitivos até limitações de ordem sociológica, como argumentam Träsel (2018) e Demo (2000).

A partir desta conjuntura, o objetivo da pesquisa foi realizar um mapeamento de pesquisas sobre esta temática na CI, tendo como referência a

base de dados Brapci. Para tanto, buscamos na referida base de dados os artigos indexados no período de 2000 a 2019, sendo que a data inicial demarca a *Web 2.0* caracterizada principalmente pelo compartilhamento de informações pelas redes sociais.

De acordo com a pesquisa realizada, que abarcou estratégias de análises quanti-qualitativa baseadas na Bibliometria e Análise de Conteúdo, pôde-se constatar o aumento gradativo do interesse da CI pela temática nos últimos anos. No período analisado destaca-se o ano de 2018, que contou com 21 artigos indexados, principalmente em decorrência de publicações seriadas do Enancib. A “onda” do aumento de publicações se verifica a partir de 2017, provavelmente influenciada pelos desdobramentos polêmicos da eleição presidencial norte-americana em 2016. Devido a isso, o termo *fake news* passou a chamar a atenção do senso comum e adquirir popularidade, embora ressaltemos que a desinformação é um fenômeno antigo, como aponta Volkoff (2004), e abrangido teoricamente pela CI.

A primeira ocorrência da temática no Enancib foi em 2015, no GT 5 (Política e Economia da Informação). Posteriormente, o tema esteve presente em artigos publicados nos GT1 (Estudo Histórico e Epistemológico da Ciência da Informação), GT3 (Mediação, Circulação e Aproximação da Informação), GT8 (Informação e Tecnologia) e GT11 (Informação e Saúde), demonstrando desta forma a variedade de interesses que a temática tem suscitado na CI.

No total, de acordo com o recorte histórico da pesquisa, foram indexados na Brapci 49 publicações, sendo analisadas qualitativamente 44 publicações, uma vez que cinco publicações foram descartadas por não se adequarem aos critérios de seleção. Os resultados confirmam a complexidade da temática, que foi abordada com diferentes nuances, envolvendo desde regime de informação até as consequências desastrosas da desinformação na área da saúde, como é o caso de boicotes recentes a campanhas de vacinação, inclusive provocando o retorno da doença de sarampo no Brasil.

Partindo da pergunta norteadora da pesquisa, pudemos constatar que a temática é relevante para a CI, como demonstra o levantamento exposto e detalhado. Desta forma, verificamos que a CI tem se atentado para temas relacionados diretamente aos novos desafios contemporâneos no campo

informacional e comunicacional. Essa postura da área vem incentivando a produção de literatura científica sobre temática emergente, o que é fundamental uma vez que a área ainda não dispõe de vasto referencial teórico sobre a temática na literatura nacional, uma das limitações encontradas para o desenvolvimento do trabalho.

Epistemologicamente, pode-se pontuar que é um escopo de pesquisa ainda em construção, mas que já demonstra seu potencial investigativo em termos acadêmicos na área da CI. Percebe-se a busca por embasamentos teóricos significativos sobre a temática, principalmente na área de competência informacional, que vem adquirindo maior relevância agora também como estratégia de enfrentamento da desinformação. Os debates éticos também ganham relevância nesta nova configuração informacional, com questões que envolvem privacidade e liberdade de expressão, em uma prática desinformacional marcada pela produção e disseminação de notícias falsas. Neste aspecto, destacamos a abordagem teórica de Floridi (1996) voltada à Ética da Informação, considerada também uma aliada importante no combate à desinformação e bastante vinculada à competência crítica informacional.

Embora não seja fenômeno recente, a desinformação é um aspecto da desordem informacional que vem adquirindo novas nuances com os avanços tecnológicos. Por consequência, o tema deve continuar mostrando sua relevância na CI, inclusive com outros desdobramentos. Isto exposto, acreditamos que a CI pode contribuir de forma bastante efetiva para os debates acadêmicos sobre o tema e a sugestão de caminhos que apontem o adequado enfrentamento de tal desordem informacional.

Acentuamos que a temática tem potencial para novas complementações científicas, inclusive, a exemplo de aprofundamento teórico da temática por meio de estudos comparados entre bases de dados nacionais e internacionais da CI. É fundamental que mais pesquisas sejam realizadas sobre desinformação, inclusive abordando aspectos sobre o compartilhamento e a qualidade da informação veiculada para que a CI se mantenha atenta e atuante de acordo com as novas demandas informacionais. Evidencia-se também a estreita relação entre a desinformação e a competência informacional, como importante estratégia de enfrentamento, que tende a ser cada vez mais

necessária, inclusive precocemente, considerando-se que as crianças desde tenra idade têm acesso às TICs. Diante deste panorama, inferimos que o profissional da CI terá o desafio de buscar abordagens de desenvolvimento das habilidades de competência crítica informacional cada vez mais assertivas.

REFERÊNCIAS

ALEINIKOV, A. V.; MILETSKIY, V. P.; PIMENOV, N. P.; STREBKOV, A. I. The fake news phenomenon and transformation of information strategies in the digital society. **Scientific and Technical Information Processing**, v. 46, n. 2, p. 117-122, 2019. Disponível em: <https://linkspringercom.ez78.periodicos.capes.gov.br/article/10.3103%2FS0147688219020126>. Acesso em: 29 nov. 2019.

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~gentzkow/research/fakenews.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

ALMEIDA, V.; DONEDA, D.; LEMOS, R. Com avanço tecnológico, fake news vão entrar em fase nova e preocupante. **Folha de São Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.512, Caderno Ilustríssima, 8 abr. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/04/com-avanco-tecnologico-fake-news-vao-entrar-em-fase-nova-e-preocupante.shtml>. Acesso em: 2 jul. 2019.

AQUINO, M. de A. A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. **Ci. Inf.**, v. 36, n.3, p. 9-16, set./dez. 2007. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1161/1324>. Acesso em: 12 out. 2019.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Framework for information literacy for higher education**. 2016. Disponível em: http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/Framework_LHE.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

BARRETO, A. de A. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 8, n. 4, p. 3-8, 1994. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n04/v08n04_01.pdf. Acesso em: 6 set. 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BASE DE DADOS REFERENCIAIS DE ARTIGOS DE PERIÓDICOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (BRAPCI). Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BATES, M. J. The Invisible substrate of Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n.12, p. 1043-1050, 1999. Disponível em: <https://pages.gseis.ucla.edu/faculty/bates/substrate.html>. Acesso em: 5 set. 2019.

BELLUZZO, R. C. B. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **ETD Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 30-50, jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/772/787>. Acesso em: 27 dez. 2019.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n.1, p. 3-5, 1968. Disponível em: <https://www.marília.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/k---artigo-01.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2019.

BRASIL. Lei nº 13.853, de 8 de julho de 2019. Altera a Lei nº 13.709 de 14 de agosto de 2018, para dispor sobre a proteção de dados pessoais e para criar a Autoridade Nacional de Proteção de Dados; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, D.F, p. 1, 9 jul. 2019. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n-13853-de-8-de-julho-de-2019-190107897?inheritRedirect=true&redirect=%2Fweb%2Fguest%2Fsearch%3Fq%3DLei%2520Geral%2520de%2520Prote%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520de%2520Dados%2520Pessoais%26publishFrom%3D2019-07-21%26publishTo%3D2019-07-21%26qSearch%3DLei%252013.853%25202019>. Acesso em: 19 jul. 2019.

BRISOLA, A. C.; DOYLE, A. Critical informational literacy as a path to resist fake news: understanding disinformation as the root problem. **Open Information Science**, n. 3, p. 274-286, 2019. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/journals/opis/3/1/article-p274.xml?rskey=mjRq9o&result=1>. Acesso em: 19 maio 2020.

BRISOLA, A. C.; ROMEIRO, N. L. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 68-87, set./dez. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1054/1054>. Acesso em: 1 set. 2019.

BRITO, V. de P. **Poder Informacional e desinformação**. 2015. 550 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/23416256/PODER_INFORMACIONAL_E_DESINFO_RMA%C3%87%C3%83O. Acesso em: 26 dez. 2019.

BRUCE, C. Las siete caras de la alfabetización em información en la enseñanza superior. Tradução de Cristóbal Pasadas-Ureña. **Anales de Documentación**, n. 6, p. 289-294, 2003. Disponível em: <https://revistas.um.es/analesdoc/article/view/3761/3661>. Acesso em: 1 dez. 2019.

BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em:

<http://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2019.

BUSCHMAN, J. Good news, bad news e fake news: going beyond political literacy to democracy and libraries. **Journal of Documentation**, v. 75, n. 1, p. 213-228, 2019. Disponível em: <https://www-emerald.ez78.periodicos.capes.gov.br/insight/content/doi/10.1108/JD-05-2018-0074/full/pdf?title=good-news-bad-news-and-fake-news-going-beyond-political-literacy-to-democracy-and-libraries>. Acesso em: 1 dez. 2019.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

CAPURRO, R. Foundations of information science: review and perspectives. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, Tampere, 1991. **Electronic Proceedings** [...]. Tampere: University of Tampere, 1991. Disponível em: <http://www.capurro.de/tampere91.htm>. Acesso em: 7 set. 2019

CAPURRO, R. Entrevista [Entrevista cedida a] Marco André Feldman Schneider e Gustavo Silva Saldanha. **Liinc em revista**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 322-328, nov. 2015. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3677/3118>. Acesso em: 8 set. 2019.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 630p.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHOMSKY, N. **Mídia**: propaganda política e manipulação. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

CORRÊA, E. C. D.; CASTRO JUNIOR, O. V. de. Perspectivas sobre competência em informação: diálogos possíveis. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 47 n. 2, p. 35-51, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4156/3792>. Acesso em: 31 ago. 2019.

DEL-FRESNO-GARCÍA, Miguel. Desórdenes informativos: sobreexpuestos e infrainformados en la era de la posverdad. **El profesional de la información**, v. 28, n. 3, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/EPI/issue/view/3505/showToc>. Acesso em: 3 nov. 2019.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, nov. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/885>. Acesso em: 15 dez. 2018.

DISTOPIA. *In*: DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2019. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/distopia>. Acesso em: 27 dez. 2019.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652003000100003&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 29 set. 2019.

FAKE. *In*: MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY. 2019. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/>. Acesso em: 5 fev. 2019.

FALLIS, D. What is disinformation? **Libray Trends**, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/89818/63.3.fallis.pdf?sequence=2>. Acesso em: 20 out. 2019.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2019.

FLORIDI, L. Brave.Net.world: the internet as a disinformation superhighway? **The electronic library**, v.14, n. 6, p. 509 – 514, 1996. Disponível em: <https://www-emerald.ez78.periodicos.capes.gov.br/insight/content/doi/10.1108/eb045517/full/pdf?title=bravenetworld-the-internet-as-a-disinformation-superhighway>. Acesso em: 2 jan. 2020.

GOMES, H. S. Lei da União Europeia que protege dados pessoais entra em vigor e atinge todo o mundo; entenda. **Portal G1**. 25 mai. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/lei-da-uniao-europeia-que-protege-dados-pessoais-entra-em-vigor-e-atinge-todo-o-mundo-entenda.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2019.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Como identificar notícias falsas**. 2017a. Disponível em <https://www.ifla.org/node/11174>. Acesso em 22 ago. 2019.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Declaração da IFLA sobre alfabetização digital**. 2017b. Disponível em: <https://www.ifla.org/publications/node/11586>. Acesso em: 26 ago. 2019.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Declaração da IFLA sobre notícias falsas**. 2018. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/faife/statements/ifla-statement-on-fake-news-es.pdf>. Acesso em 26 de ago. 2019.

JAPIASSÚ, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

KARLOVA, N; LEE, J. Notes from the underground city of disinformation: a conceptual investigation. *In: AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY ANNUAL MEETING*, 74., 2011. New Orleans. **Proceedings** [...] New Orleans: ASIS&T, 2011. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/meet.2011.14504801133> Acesso em: 27 out. 2019.

KERR PINHEIRO, M. M.; BRITO, V. de P. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero**, v. 15, n. 6, 2014. Disponível em: <http://www.BRAPCI.inf.br/index.php/article/download/51758>. Acesso em: 2 jul. 2019.

LEITE, L. R. T. **Confiabilidade informacional**: a filosofia da informação e o desenvolvimento da leitura crítica no ambiente virtual. 2018. 129 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000050/0000500b.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2019.

LEXICOGRAIA. *In: LÉXICO DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ONLINE*. 2019. Disponível em: <https://www.lexico.pt/lexicografia/>. Acesso em: 23 dez. 2019.

MACHADO, C.; STEIBEL, F.; KONOPACKI, M. O uso de redes sociais em campanhas políticas no Brasil: a transição de estratégias de plataformas abertas para mensageiros interpessoais. **Cadernos Adenauer XIX**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 55-68, dez. 2018. Fake news e as eleições 2018.

MATHEUS, R. F. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v.10 n.2, p.140-165, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/7325/1/MATHEUSRafaelCapurroPCI2005.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2019.

McDOUGALL, J. *et al.* Digital literacy, fake news and education. **Cultura y Educación**, v. 31, n. 2, p. 203-212, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/11356405.2019.1603632?needAccess=true>. Acesso em: 20 set. 2019.

MENDES, L. S.; DONEDA, D.; BACHUR, J. P. Manipulação da informação, fake news e os novos desafios para a democracia. **Cadernos Adenauer XIX**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 132-145, dez. 2018. Fake news e as eleições 2018.

MOOERS, C. N. Zatoncoding applied to mechanical organization of knowledge. **Jasist**, v. 2, n. 1, p. 20-32, 1951. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.5090020107>. Acesso em: 21 abr. 2020.

MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p.7-32, 1999. Disponível em:

http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html. Acesso em: 25 nov. 2019.

MORIN, E. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

NEHMY, R. M. Q.; PAIM, I. A desconstrução do conceito de “qualidade da informação”. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 36-45, jan./abr. 1998. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_dacf39a11c_0008707.pdf. Acesso em: 19 set. 2019.

OLIVEIRA, E. F. T. de. **Estudos métricos da informação no Brasil: indicadores de produção, colaboração, impacto e visibilidade**. Marília; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.

OVADYA, A. What's worse than fake news? The distortion of reality itself. **Washington Post**, 22 feb. 2018. Disponível em: <https://beta.washingtonpost.com/news/theworldpost/wp/2018/02/22/digital-reality/?noredirect=on>. Acesso em: 11 set. 2019.

PACEPA, I.M.; RYCHLAK, R. J. **Desinformação: ex-chefe de espionagem revela estratégias secretas para solapar a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo**. Campinas: Vide Editorial, 2015.

PERVASIVIDADE. *In*: DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. 2019. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/pervasividade>. Acesso em: 27 dez. 2019.

PIMENTA, A.; BELDA, F. R. **Manual da credibilidade jornalística**, 2017. Disponível em: <https://www.manualdacredibilidade.com.br>. Acesso em: 5 ago. 2018.

PÓS-VERDADE. *In*: OXFORD LEARNER'S DICTIONARY. [Oxford: Oxford University Press], 2019. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/post-truth?q=post+truth>. Acesso em: 5 nov. 2019.

RODRIGUES, G. M.; SIMÃO, J. B.; ANDRADE, P. S. de. Sociedade da Informação no Brasil e em Portugal: um panorama dos Livros Verdes. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 89 -102, set./dez. 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/993/1042>. Acesso em: 28 dez. 2019.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/08/pdf_fd9fd572cc_0011621.pdf. Acesso em: 1 jul. 2019.

SERRANO, P. **Desinformação: como os meios de comunicação ocultam o mundo**. Rio de Janeiro: Espalhafato, 2010.

SERVA, L. **Jornalismo e desinformação**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2001.

SHULTZ, R. H.; GODSON, R. **Desinformação**: medidas ativas na estratégia soviética. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1984.

STEINBACH, V.; BLATTMANN, U. Mapeamento de índices e indicadores: experiência didática. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 243-256, jan./jul. 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/478/610>. Acesso em 27 dez. 2019.

TANDOC JR, E.C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining “fake news”: a typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319383049_Defining_Fake_News_A_typology_of_scholarly_definitions. Acesso em: 27 dez. 2019.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; SILVA, T. E. da. Fontes de informação digital: critérios de qualidade. *In*: TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R. (org.). **Fontes de informação digital**. Londrina: Eduel, 2016. p. 13-44.

TOMAÉL, M. I. Mídias sociais como fontes de informação. *In*: TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R. (org.). **Fontes de informação digital**. Londrina: Eduel, 2016. p. 175-197.

TRÄSEL, M. A eficácia da checagem de fatos no combate à desinformação. **Cadernos Adenauer XIX**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 69-87, dez. 2018. Fake news e as eleições 2018.

VERONESE, A.; FONSECA, G. Desinformação, fake news e mercado único digital: a potencial convergência das políticas públicas da União Europeia com os Estados Unidos para melhoria dos conteúdos comunicacionais. **Cadernos Adenauer XIX**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 38-56, dez. 2018. Fake news e as eleições 2018

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional: bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez., 2009. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1236/1414>. Acesso em: 15 jan. 2019.

VOLKOFF, V. **Pequena história da desinformação**: do cavalo de Tróia à internet. Curitiba: Editora Vila do Príncipe, 2004.

VOLKOFF, V. **Une petite histoire de la désinformation**: du cheval de Troie à Internet. Monaco: Editions du Rocher, 1999.

VOSOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, S. The spread of true and false news online. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 9 Mar. 2018. Disponível em: <http://science.sciencemag.org/content/359/6380/1146.full>. Acesso em: 5 jan. 2019.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward->

an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c. Acesso em: 28 jul. 2018.

ZEMAN, J. Significado Filosófico da Noção de Informação. *In*: WIENER, Norbert *et al.* **O conceito de informação na ciência contemporânea**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 154-179.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Relação Geral De Artigos Indexados Na Brapci

Nº	Título	Periódico	Ano	Autoria	Afiliação Institucional
1	A pesquisa em Ciência da Informação na América Latina	Revista de Biblioteconomia de Brasília	2000	Emir José Suaiden	UnB
2	Ambivalências da sociedade da informação	Ciência da Informação	2000	Pedro Demo	UnB
3	Mapeamento de índices e indicadores: experiência didática	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2006	Vanessa Steinbach	UFSC
				Ursula Blattmann	UFSC
4	Depósito legal no Piauí: histórico, finalidades e importância	BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação	2014	Lucas Veras de Andrade	SME *
5	Poder informacional e desinformação	XVI Enancib - GT5 - Política e Economia da Informação	2015	Vladimir de Paula Brito	UFMG
				Marta Macedo Kerr Pinheiro	UFMG
6	“Uma legião de imbecis”: hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária	Liinc em revista	2017	Sylvia Debossan Moretzsohn	UFF

7	Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação	Liinc em revista	2017	Mariana Zattar	Ibict / UFRJ
8	Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital	Liinc em revista	2017	Arthur Coelho Bezerra	Ibict / UFRJ
				Rafael Capurro	HdM
				Marco André Feldman Scheneider	Ibict / UFRJ / UFF
9	Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBB) - Eixo 7 (Comunicação Científica, Formação do Bibliotecário e o Ensino de Biblioteconomia)	2017	Leonardo Ripoll	UDESC
				José Claudio Moreli Matos	UDESC
10	A ação dos bots no processo de desinformação em eleições e referendos	XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - GT 8 (Informação e Tecnologia) – Pôster	2018	Amanda Maria de Almeida Nunes	UFPE
				Camila Oliveira de Almeida Lima	UFPE
				Célio Andrade Santana	UFPE
				Majory Karoline Miranda	UFPE
11	A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBB) - Artigo	2018	Anna Cristina Brisola	Ibict / UFRJ
				Nathália Lima Romeiro	Ibict / UFRJ

12	A competência crítica em informação no contexto das fake news: os desafios do sujeito informacional no ciberespaço	XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - GT 1 (Estudo Histórico e Epistemológico da Ciência da Informação) - Comunicação Oral	2018	Maria Lívia Pacheco de Oliveira	UFPB
				Edivanio Duarte Souza	Ufal
13	A competência informacional e fake news: uma reflexão sob a perspectiva do Marco Civil da Internet e de Ignacio Ramonet	XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – GT 3 – (Mediação, Circulação e Apropriação da Informação) – Pôster	2018	Cristina Marchetti Maia	UFSCar
				Ariadne Chloe Furnival	UFSCar
				Vinício Carrilho Martinez	UFSCar
14	A credibilidade das informações online na era da pós-verdade	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação - GT3 (Estudos métricos, estudos de apropriação, acesso, comportamento e uso da informação)	2018	Lucas Eduardo Ferreira de Souza Silva	UNIRIO
15	A desinformação fornecida pelo poder público: uma análise frente à teoria da reserva do possível	XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - GT 5 (Política e Economia da Informação) - Pôster	2018	Mariana Rodrigues Gomes de Mello	Unesp
				Rafaela Carolina Silva	Unesp
				Beatriz Rosa Pinheiro dos Santos	Unesp
				Daniela Pereira dos Reis	Unesp
16	Ambivalências da sociedade da informação	Ciência da Informação	2018	Pedro Demo	UnB
17	Competência em informação: as fake news no contexto da vacinação	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação - GT3 (Estudos métricos, estudos de	2018	Barbara Cristina Marques dos Santos Ribeiro	UFF

		apropriação, acesso, comportamento e uso da informação)		Isabela de Melo Franco	UFRJ
				Charlene Carvalho Soares	UFRJ
18	Contribuição da Teoria Crítica aos estudos sobre regime de informação e competência crítica em informação	XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - GT 1 (Estudo Histórico e Epistemológico da Ciência da Informação) - Comunicação Oral	2018	Arthur Coelho Bezerra	Ibict / UFRJ
19	Controle de informação: uma análise sobre o papel da censura e da fake news na história brasileira	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação - GT1 (Aspecto Constituinte da Ciência da Informação no Brasil)	2018	Hallini Izabel Ruberto Jardim	UFMG
				Phillipe Derwich Silva Zaidan	UFMG
20	Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação	XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - GT 5 (Política e Economia da Informação) - Comunicação Oral	2018	Anna Brisola	Ibict / UFRJ
				Arthur Coelho Bezerra	Ibict / UFRJ
21	Desinformação: qualidade da informação compartilhada em mídias sociais	XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – GT 3 – (Mediação, Circulação e Apropriação da Informação) - Comunicação Oral	2018	César Augusto Galvão Fernandes Conde	UFPR
				Adriana Rosecler Alcará	UEL
22	Disseminação da informação na era das fake news	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação - GT1 (Aspecto Constituinte da Ciência da Informação no Brasil)	2018	Sara Mendonça Poubel de Oliveira	UFF
23	Editorial da Ágora	Ágora: Arquivologia em Debate	2018	Eliana Maria dos Santos Bahia	UFSC
				Ursula Blattmann	UFSC
				Juliana Fachin	UFSC

24	Estratégias fact-checking no combate à fake news: análises informacional e tecnológica no e-farsas e boatos.org	XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – GT3 – (Mediação, Circulação e Apropriação da Informação) - Comunicação Oral	2018	Denise Braga Sampaio	UFPB
				Izabel França Lima	UFPB
				Henry Poncio Cruz de Oliveira	UFPB
25	Fake news e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de Ciência da Informação	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação - GT3 (Estudos métricos, estudos de apropriação, acesso, comportamento e uso da informação)	2018	Mariana Freitas Caniello de Carvalho	UFMG
				Cristielle Andrade Mateus	UFMG
26	Liberdade, amor e guerra: a representação da biblioteconomia em library war	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação	2018	José Ricardo Silva Neto	UFMG
				Raquel Cristina Teixeira Jardim	UFMG
				Michelle Prates Otoni	UFMG
27	Na contramão da informação preventiva: desinformação sobre prevenção de HIV/AIDS.	Biblionline	2018	Tereza Evâny de Lima Renôr Ferreira	UFRPE
				Júlio Afonso Sá Pinho Neto	UFPB
28	O papel da biblioteca pública na reconstrução da verdade	Ciência da Informação	2018	Emir José Suaiden	UnB
29	Pós-verdade e Fontes de Informação: um estudo sobre fake news	Revista Conhecimento em Ação - (Relato de Pesquisa)	2018	Lorena Tavares de Paula	UFMG
				Thiago dos Reis Soares da Silva	UFMG

				Yuri Augusto Blanco	UFMG
30	Pós-verdade e informação: múltiplas concepções e configurações	XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - GT 1 (Estudo Histórico e Epistemológico da Ciência da Informação) - Comunicação Oral	2018	Jonathas Luiz Carvalho Silva	UFCA
31	(Des) informação em saúde: o autismo no espelho da classificação	XX Enancib – GT 11 - Informação & Saúde	2019	Fernanda Valle	UFRJ/Ibict
				Gustavo Saldanha	UFRJ/Ibict/UNIRIO
32	Entre hiperinformação e desinformação: o “fio de ariadne” para a preservação da informação na web	Liinc em revista	2019	Bianca da Costa Maia Lopes	UFRJ - Ibict
				Arthur Coelho Bezerra	UFRJ - Ibict
33	Hiperinformação na era digital: validação das informações sobre saúde	P2P & INOVAÇÃO	2019	Mariangela Rebelo Maia	Ibict - UFRJ
				Jorge Calmon de Almeida Biolchini	Ibict
34	Jornalismo à deriva no mar da pós-verdade: a busca da verdade como método	Liinc em Revista	2019	Anthony Jose da Cunha Carneiro Lins	Unicap
				Dario Brito Rocha Jr	Unicap
				Alice Cristiny Ferreira de Souza	Unicap
35	Bibliotecário escolar e fake news: evidências da contribuição da biblioteca	Biblionline	2019	Janaína Ferreira Fialho Martha	UFS

	escolar			Suzana Cabral Nunes	UFS
				Paulo Roberto Fernandes Júnior	UFS
				Giovana Gabrielli Rocha Gois	UFS
				Maria Mirella Borges Santana	UFS
				Raphaela Mota Pereira Veloso	UFS
				Wictor Alexandre da Silva Santos	UFS
36	Desafios da sociedade da informação na recuperação e uso de informações em ambientes digitais	Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação	2019	Samyr Santos Delfino	UFPB
				Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	UFPB
				Marckson Roberto Ferreira de Sousa	UFPB
37	Desinformação e competência em informação: discussões e possibilidades na Arquivologia	Ciência da Informação e Revista	2019	Ana Roberta Pinheiro Moura	UFPA
				Renata Lira Furtado	UFPA
				Regina Célia Baptista Belluzzo	Unesp
38	Editorial	Revista Informação em Pauta	2019	Izabel França de Lima	UFPB
				Henry Poncio Cruz de Oliveira	UFPB
				Fabiana da Silva França	UFPB

39	Estado, democracia e tecnologia: conflitos políticos e vulnerabilidade no contexto do big-data, das fake news e das shitstorms	Perspectivas em Ciência da Informação	2019	Camilo Onoda Luiz Caldas	USJT
				Pedro Neris Luiz Caldas	ILG – USP **
40	Ética da informação e fake news no âmbito da desinformação	XX Enancib - GT5 - Política e Economia da Informação	2019	Ana Paula Nascimento	UEL
				Éder César de Souza	UEL
				Sandra Mara Aguilera	UEL
				Terezinha Elizabeth da Silva	UEL
41	Ética da informação nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil: uma análise	LOGEION: Filosofia da informação	2019	Vinícius Cerva de Moraes	UFRGS
				Jackson da Silva Medeiros	UFRGS
42	Fake news e (des) informação como estratégia política	XX Enancib - GT5 - Política e Economia da Informação	2019	Juliana Ferreira Marques	UFPB
				Edvaldo Carvalho Alves	UFPB
				José Washington de Moraes Medeiros	IFPB
43	Hipertrofia da informação sob a ótica dos conceitos de verdade e pós-verdade	P2P & INOVAÇÃO	2019	Denise Braga Sampaio	UFPB / UFPB / UFPB
				Henry Poncio Cruz de Oliveira	UFPB
				Maria da Luz Olegário	UFPB

44	La alfabetización informacional, bastión en tiempos de la posverdad	Bibliotecas. Anales de Investigación (Cuba) - Artigo de Revisão	2019	Jesús Cortés-Vera	UACJ
45	Las injusticias informativas como injusticias epistémicas	InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação - Artigo	2019	Ariel Morán	UNAM
46	Os bots de disseminação de informação na conjuntura das campanhas presidenciais de 2018 no Brasil	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação	2019	Rafael Michalski	UFMG
				Lorena Tavares de Paula	UFMG
47	Programa para a formação em competência em informação visando uma educação que auxilie no combate à desinformação: enfoque nos critérios de avaliação da informação e de fake news	XX Enancib - GT3 - Mediação, circulação e apropriação da informação	2019	Marta Leandro da Mata	UFES
				Meri Nadia Marques Gerlin	UFES
48	Representação da informação noticiosa pelas agências de fact-checking: do acesso à informação ao excesso de informação	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	2019	Mayara Karla Dantas da Silva	UFRN
				Maria Elisabeth B. C. de Albuquerque	UFPB
				Maria do Socorro Furtado Veloso	UFMG
49	Unravelling the basic concepts and intents of misbehavior in post-truth society	Bibliotecas. Anales de Investigación (Cuba) - Artigo de Revisão	2019	Andrea Hrcková	CU
				Ivan Srba	STU
				Róbert Móro	STU

			Radoslava Blaho	CU
			Jakub Simko	STU
			Pavol Návrat	STU
			Mária Bieliková	STU

Fonte: Elaborado pela autora.

* Texto indexado não originário de Instituição de Ensino Superior (IES). Refere-se à Secretaria Municipal de Educação de Teresina (PI).

** Texto indexado não originário de Instituição de Ensino Superior (IES). Refere-se à associação civil sem fins lucrativos Instituto Luiz Gama (ILG).